



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE TEOLOGIA

THARLES DO NASCIMENTO PORTO

**A MISSIOLOGIA COMO UM ITINERÁRIO FORMATIVO
SACERDOTAL**

Goiânia
2024

THARLES DO NASCIMENTO PORTO

**A MISSIOLOGIA COMO UM ITINERÁRIO FORMATIVO
SACERDOTAL**

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito para conclusão da graduação em Teologia e obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Orientador: Profº. Me. Pe. José Luiz da Silva.

Goiânia
2024

FOLHA DE APROVAÇÃO

*Aos meus amados pais, Helio e Maria Rute,
que me ensinaram a aspirar o amor eterno de
Deus. À minha querida irmã, Ana Carolina,
pela fraternidade e orações e ao meu querido
sobrinho, Teruaki, que é sinal da alegria de
Deus em nossas vidas. À minha estimada
Diocese de Barreiras, povo santo de Deus,
com a qual, na relação familiar de filhos de
Deus, caminho conjuntamente em direção à
Cidade Celeste.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por Sua infinita bondade, que é princípio e fim de toda missão. Que Ele, em Sua divina misericórdia, continue a moldar nossos corações, para que possamos, a cada dia, possuir um coração missionário.

À Santíssima Virgem Maria, Mãe e Rainha das Vocações, por ser sinal de consolo materno em meu processo formativo.

A todos os meus familiares, que sempre me incentivaram no apreço pelo estudo, em especial aos meus pais, por me proporcionarem uma educação pautada nos valores cristãos.

Ao santo povo de Deus, de modo especial à minha amada Diocese de Barreiras-BA, terra de missão, que não se cansa de se dirigir a Deus, Pai de Misericórdia, e de suplicar a intercessão da sempre Virgem Maria por minha vocação.

Ao meu bispo diocesano, Dom Moacir Silva Arantes, por ser um sinal da presença de Cristo em nosso meio.

Aos padres que compõem a equipe de formação do Seminário Interdiocesano São João Maria Vianney, com os quais convivi ao longo de sete anos, pela presença e pelo testemunho do cuidado de Deus por todos os seminaristas desta casa.

Aos meus confrades diocesanos Adailson de Jesus Ramos, Kaio de Souza Silva, Deusay da Cruz Nunes, Leomário Lima de Oliveira, Kedson Luan de Souza Borges Barreto, Cláudio Tavares de Carvalho e Rodrigo dos Santos Teixeira, pela fraternidade, companheirismo, ensinamentos e testemunho de vida, que me ajudaram a viver bem este tempo de discernimento, manifestando sempre a alegria que vem de Deus.

Ao meu diretor espiritual, Pe. Nixon Félix de Araújo, por ser sinal da presença amiga de Deus em minha vida e pelo cuidado no acompanhamento vocacional ao longo desses anos de formação.

A todo o corpo docente do curso de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), pela extraordinária dedicação e contribuição à nossa formação acadêmica.

Ao meu orientador, Prof. Me. Pe. José Luiz da Silva, que afavelmente aceitou orientar este trabalho, por sua paciência e dedicação, refletidas nas observações, sugestões e correções que tornaram possível a elaboração final desta pesquisa.

Aos leitores deste trabalho, Prof. Dr. Pe. Eli Ferreira Gomes e Prof. Dr. Pe. Elismar Alves dos Santos, CSsR, pelo cuidado e disponibilidade em ler e avaliar esta pesquisa de conclusão de curso.

A todos, os meus mais sinceros agradecimentos. Que Deus abençoe a todos!

“O dom espiritual, recebido pelos presbíteros na Ordenação, não os prepara para uma missão limitada e determinada, mas sim para uma missão imensa e universal de salvação, “até aos confins da terra” (At 1,8); com efeito, todo o ministério sacerdotal participa da amplitude universal da missão confiada por Cristo aos apóstolos. Com efeito, o sacerdócio de Cristo, de que os presbíteros se tornaram verdadeiramente participantes, dirige-se necessariamente a todos os povos e a todos os tempos, nem é coarctado por nenhum limite de sangue, nação ou idade, como já é prefigurado de modo misterioso na pessoa de Melquisedec. Lembrem-se, por isso, os presbíteros que devem tomar a peito a solicitude de todas as Igrejas”
(Presbyterorum Ordinis, 10)

RESUMO

A monografia intitulada *A Missiologia como um Itinerário Formativo Sacerdotal* explora a importância da dimensão missionária na formação de presbíteros, com enfoque na Teologia da Missão como base para a prática pastoral e espiritualidade sacerdotal. A pesquisa apresenta uma análise detalhada da fundamentação bíblica e teológica da missão, destacando suas raízes nas Sagradas Escrituras e no mistério trinitário. O estudo também aborda a relação intrínseca entre missão e formação presbiteral, utilizando diretrizes da Igreja Católica, como a *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* e os Documentos da CNBB, que enfatizam a missão como elemento central na identidade e na prática sacerdotal. A proposta central do trabalho é apresentar a missiologia como um itinerário formativo integral, capaz de preparar sacerdotes para responder aos desafios contemporâneos da evangelização, unindo teologia, espiritualidade e prática pastoral. Com base em uma metodologia teórico-bibliográfica, o trabalho é dividido em três capítulos: fundamentação bíblica da missão; teologia da missão; e missiologia na formação sacerdotal, destacando a necessidade de integrar a consciência missionária no processo formativo. Assim, este estudo contribui para a reflexão sobre a formação de presbíteros comprometidos com a missão universal da Igreja.

Palavras-chave: Missiologia; Formação sacerdotal; Teologia da missão; *Ratio Fundamentalis*; Evangelização.

ABSTRACT

The monograph entitled "*Missiology as a Priestly Formation Itinerary*" explores the significance of the missionary dimension in the formation of priests, focusing on Mission Theology as a foundation for pastoral practice and priestly spirituality. The research provides a detailed analysis of the biblical and theological foundations of mission, highlighting its roots in Sacred Scripture and the Trinitarian mystery. The study also examines the intrinsic relationship between mission and priestly formation, drawing on guidelines from the Catholic Church, such as the *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* and the CNBB Documents, which emphasize mission as a central element in priestly identity and practice. The central objective of this work is to present missiology as an integral formation itinerary, capable of preparing priests to address contemporary challenges of evangelization by integrating theology, spirituality, and pastoral practice. Based on a theoretical-bibliographical methodology, the work is divided into three chapters: the biblical foundation of mission; the theology of mission; and missiology in priestly formation, underscoring the need to embed missionary awareness into the formation process. This study contributes to the reflection on the formation of priests committed to the universal mission of the Church.

Keywords: Missiology; Priestly formation; Mission theology; *Ratio Fundamentalis*; Evangelization.

SIGLAS

AG – *Ad Gentes*

AT – Antigo Testamento

CEC – Catecismo da Igreja Católica

DAp – Documento de Aparecida

DCe – *Deus Caritas Est*

DFPIB – Diretrizes de Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil

DH – *Dignitatis Humanae*

DV – *Dei Verbum*

EG – *Evangelii Gaudium*

EN – *Evangelii Nuntiandi*

GS - *Gaudium Et Spes*

LG – *Lumen Gentium*

NT – Novo Testamento

OT – *Optatam Totius*

PMN – Programa Missionário Nacional

PVD – *Pastoris Dabo Vobis*

RFIS – *Ratio Fundamentalis*

RM – *Redemptoris Missio*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA DA MISSÃO	15
1.1 Definição de missão	15
1.2 A missão na Sagrada Escritura.....	18
1.2.1 O mandato missionário no Antigo Testamento	18
1.2.2 O mandato missionário no Novo Testamento.....	22
1.2.2.1 Mandato missionário no Evangelista Mateus - Mt 28,16-20	23
1.2.2.2 mandato missionário no Evangelista Marcos - Mc 16,15.....	24
1.2.2.3 Mandato missionário no Evangelista Lucas – Lc 24,46-49.....	26
1.2.2.4 Mandato missionário no Evangelista João – Jo 20,21-23.....	27
1.2.2.5 Mandato missionário nos Atos dos Apóstolos – At 1,8	28
2 TEOLOGIA DA MISSÃO	31
2.1 A missão nasce na Trindade.....	31
2.1.1 A Missão do Pai.....	32
2.1.1.1 A <i>kenosis</i> do Pai.....	33
2.1.2 A missão do Filho	34
2.1.2.1 A <i>kenosis</i> do Filho	36
2.1.3 A missão do Espírito Santo	36
2.1.3.1 A <i>kenosis</i> do Espírito Santo.....	39
2.2 A essência missionária da Igreja.....	40
2.2.1 A missão universal e identidade da Igreja.....	41
2.3 A dimensão escatológica da missão	44
2.3.1 A missão como sinal do reino vindouro.....	45
2.3.2 A missão e a esperança cristã.....	47
2.3.3 Missão permanente: A Igreja em estado de missão até a plenitude dos tempos	48
3. MISSIOLOGIA E FORMAÇÃO	49
3.1 Uma perspectiva da formação missionária na <i>Ratio Fundamentalis</i>	52
3.1.1 A identidade missionária na formação presbiteral.....	52
3.1.2 A espiritualidade missionária e o caráter universal da missão.....	53
3.2 Uma perspectiva da formação missionária nas Diretrizes de Formação dos Presbíteros no Brasil.....	54

3.2.1 Documento 93 da CNBB – Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil.....	55
3.2.2 Documento 110 da CNBB - Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil.....	58
3.2.2.1 A perspectiva missionária na formação presbiteral	58
3.2.2.2 Dimensões integradas da formação presbiteral.....	59
3.2.2.3 A formação presbiteral na perspectiva pastoral-missionária.....	61
CONCLUSÃO	65
REFERÊNCIAS.....	68

INTRODUÇÃO

A missão é inerente à identidade da Igreja e, por extensão, à vida do presbítero. O Concílio Ecumênico Vaticano II enfatiza que a Igreja, em sua essência, é missionária, pois sua origem está enraizada na missão do Filho e do Espírito Santo, conforme o desígnio de Deus Pai (cf. AG 2). Essa missão essencial é o coração pulsante da Igreja, chamando-a a transcender suas próprias fronteiras para se engajar com o mundo, sendo sinal visível de Cristo, o Verbo encarnado, o Deus que se faz presente entre nós. A Universalidade e a Apostolicidade da Igreja refletem essa missão que é fundamental para a sua existência e ação, tornando-a um organismo vivo e dinâmico, comprometida com a proclamação do Evangelho e o testemunho da graça divina.

Nesse contexto, a missiologia emerge como um itinerário crucial para o processo formativo dos presbíteros – não só os religiosos, mas também os diocesanos. Enraizada na teologia trinitária e na prática pastoral, a missiologia proporciona uma visão holística da missão da Igreja, preparando os sacerdotes para serem apóstolos eficazes e testemunhas fiéis de Cristo. Diante das novas condições culturais e religiosas do mundo, há uma necessidade urgente de se formar presbíteros que não apenas entendam a missão como um princípio teórico, mas que a viva como uma prática cotidiana. Assim, a formação pastoral missionária deve ser uma base integral em todo o processo formativo do sacerdote, especialmente do diocesano, ajudando-o a compreender que sua vocação não se limita à Igreja particular (diocese), mas se estende à missão universal da Igreja, da qual ele é também servidor.

Desse modo, é possível compreender que, no contexto contemporâneo, a Igreja passa por um processo de renovação que abrange o papel e a formação dos presbíteros, não apenas suas estruturas institucionais. Nesse processo de renovação, destaca-se a necessidade de uma mudança na mentalidade missionária, reconhecendo que a formação de padres deve priorizar o chamado à missão, pois essa dimensão está intrinsecamente ligada à sua vocação. Essa mudança requer uma revisão profunda das estruturas educacionais, especialmente nos seminários e nas universidades, onde o tema da missiologia deve ocupar um lugar de destaque nos currículos acadêmicos, preparando os futuros presbíteros da Igreja para enfrentar os desafios da evangelização em um mundo em constante mudança. Paralelamente, à medida que essas estruturas educacionais se ajustam para incluir a missiologia, há um reconhecimento crescente da missão como essência fundamental da identidade da Igreja. Dessa forma, compreender a missão própria da vida presbiteral, norteadas pelo viés da missiologia, é responder com mais amor à vocação da Igreja e à sua identidade.

Os documentos da Igreja e as próprias estruturas teológicas enfatizam que a missão não é apenas uma atividade entre muitas, mas, sim, o paradigma central que guia toda a obra da Igreja. Essa compreensão implica que a formação dos presbíteros deve ser enraizada na consciência da missão como a razão de ser da Igreja, formando-os com uma profunda espiritualidade missionária, não apenas com “habilidades técnicas” pastorais.

À vista disso, neste trabalho, buscamos explorar a dimensão missionária como um componente essencial na formação sacerdotal, destacando sua importância para preparar aqueles que serão pastores e líderes da comunidade cristã. Assim sendo, com a pesquisa, propomos apresentar a missiologia como um itinerário formativo que capacite os presbíteros a viver e promover a missão da Igreja de forma plena e autêntica, unindo teologia, espiritualidade e prática pastoral.

Para isso, analisaremos as fundamentações bíblicas e teológicas da missão e investigaremos a relação entre a missão e a formação presbiteral com base nos documentos da Igreja e nas diretrizes formativas. Desse modo, o objetivo é integrar a consciência missionária no currículo dos futuros sacerdotes, tornando-os aptos a responder aos desafios contemporâneos e anunciar o Evangelho de maneira eficaz, conforme a missão de Cristo e as orientações da Igreja.

Dessa maneira, a presente pesquisa será conduzida a partir de uma abordagem teórico-bibliográfica, utilizando como base textos bíblicos, documentos do Magistério da Igreja e obras de teólogos especializados na temática missionária. Para tanto, este estudo se estrutura em três capítulos, a saber: o primeiro apresenta uma investigação sobre a fundamentação bíblica da missão; o segundo, um estudo teológico que relaciona a missão à identidade da Igreja; e o terceiro traz, com base nas diretrizes formativas da Igreja, uma reflexão prática sobre a formação sacerdotal.

O primeiro capítulo é intitulado *Fundamentação Bíblica da Missão*. Nele, exploramos a missão cristã a partir de suas raízes nas Sagradas Escrituras, abrangendo tanto o Antigo quanto o Novo Testamento. A análise se inicia com a definição de missão, destacando o conceito no contexto bíblico e sua relação com o envio divino, que culmina na figura de Jesus Cristo, o missionário por excelência. Examinamos o mandato missionário no Antigo Testamento, identificando elementos que preparam a revelação plena no Novo Testamento e demonstrando como o envio de figuras bíblicas reflete o plano salvífico de Deus.

No desenvolvimento dessa reflexão, o Novo Testamento ocupa um lugar central, uma vez que a missão adquire uma dimensão universal através de Jesus Cristo e do envio de seus discípulos. A análise se aprofunda nos mandatos missionários presentes nos Evangelhos e nos

Atos dos Apóstolos, ressaltando como a missão da Igreja é uma continuidade da missão de Cristo. Esses textos bíblicos são apresentados como fundamentos para entender a missão como uma vocação central da Igreja e, por isso, orientam a prática pastoral e a formação presbiteral.

Dando sequência à reflexão, no segundo capítulo, concentramo-nos na *Teologia da Missão*, explorando sua fundamentação teológica e sua conexão intrínseca com o mistério da Santíssima Trindade. Apresentamos a missão como um movimento que procede do amor trinitário, no qual o Pai, o Filho e o Espírito Santo atuam de forma conjunta na obra da salvação. Nesse contexto, a missão da Igreja é compreendida como uma extensão da missão divina e, por isso, é chamada a ser sacramento universal da salvação, refletindo a comunhão trinitária.

A análise se aprofunda nas missões específicas do Pai, do Filho e do Espírito Santo, explorando como cada uma delas contribui para a compreensão do dinamismo missionário da Igreja. A *kenosis*, ou autodoação divina, é um tema central, sendo destacada como um elemento que fundamenta a missão da Igreja, que é chamada a seguir o exemplo de Cristo na humildade e no serviço.

No terceiro capítulo, *Missiologia e Formação*, exploramos a relação entre a missão e a formação dos presbíteros com base nas diretrizes formativas da Igreja. A missão é apresentada como um eixo central no processo formativo, destacando a importância de integrar a dimensão missionária na formação sacerdotal, para que os futuros presbíteros estejam preparados para enfrentar os desafios pastorais e culturais do mundo contemporâneo. A análise se baseia em documentos da Igreja que sublinham a necessidade de uma formação integral, que una teologia, espiritualidade e prática missionária.

Em seguida, propomos caminhos para a integração da consciência missionária no currículo dos seminários e instituições formativas, a partir da leitura dos documentos e das orientações eclesiais. Nosso objetivo é mostrar como a missiologia pode ser um itinerário formativo para preparar os presbíteros a serem verdadeiros agentes missionários, comprometidos com a missão universal da Igreja.

1 FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA DA MISSÃO

“Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo que vos ordenei” (Mt 28, 19-20a)

A missão cristã tem suas raízes profundamente estabelecidas nas Sagradas Escrituras, tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento¹. Desde os primórdios da história sagrada, a iniciativa divina de convocar e enviar o povo escolhido reflete o plano amoroso de Deus para a salvação da humanidade. O propósito missionário se manifesta ao longo da caminhada do povo de Israel, designado para ser luz às nações, e culmina na vinda de Jesus Cristo, o missionário por excelência, enviado pelo Pai para redimir o mundo.

Essa dinâmica missionária enraizada na Trindade revela a missão como uma extensão do amor divino. A Igreja, como corpo místico de Cristo, é chamada a continuar essa obra, proclamando o Evangelho e atuando como sacramento universal de salvação. Portanto, a missão não é apenas uma tarefa, mas a expressão do desejo de Deus de que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. Esse entendimento molda o itinerário formativo do sacerdócio, no qual a missão se torna uma resposta ao chamado divino e um serviço em comunhão com a obra redentora de Cristo.

1.1 Definição de missão

O conceito de “missão” no contexto bíblico, embora não apareça explicitamente no AT como o entendemos hoje, está profundamente enraizado no verbo hebraico *shalah* (שָׁלַח), que significa “enviar” ou “mandar”. Esse termo é essencial para a compreensão da missão tanto no AT quanto no NT, pois reflete a ação divina de enviar pessoas com propósitos específicos. Só no AT, o verbo aparece 847 vezes², exprimindo geralmente o ato de enviar ou mandar alguém ou algo para cumprir uma tarefa, realizar uma ordem ou alcançar um objetivo determinado. Por isso, essa ideia de envio é central para a missão profética. É por meio dela que enviados como

¹ A partir desta primeira menção, utilizaremos a abreviatura AT para nos referirmos ao Antigo Testamento e NT para nos referirmos ao Novo Testamento.

² cf. BRADANINI, Sérgio. **Fundamentos Bíblicos da Missão**. Curso Básico de Missiologia. 2017. Disponível em: <http://www.missiologia.org.br/wp-content/uploads/2017/11/2nucleo.pdf>. Acessado em 08 de agosto de 2024, p. 2.

Moisés e Jeremias são convocados por Deus para levar Sua palavra ao povo, conforme exemplificado em Êxodo 3,10: “Vai, pois, e eu te enviarei a Faraó”³.

No NT, o conceito de *shalah* se expande com a missão de Jesus Cristo e o convite feito aos apóstolos. Jesus, ao enviar seus discípulos para evangelizar, ecoa essa tradição de envio, como em Mateus 28,19, quando ordena: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos”. Assim, o verbo *shalah* não apenas implica um ato de envio, mas também carrega a responsabilidade de transmitir a mensagem divina ao mundo, refletindo o amor e a intenção de Deus de alcançar todos os povos.

João Panazzolo, em sua obra *Missão para Todos*, destaca que a missão tem origem no “amor fontal” do coração do Pai, sendo uma expressão do projeto de Deus que busca a vida plena e a comunhão.⁴ Esse conceito de missão se manifesta tanto no envio do Filho ao mundo quanto no dom do Espírito Santo, refletindo um caráter universal e abrangente. Com efeito, a missão no AT está relacionada à escolha de indivíduos para transmitir a mensagem divina, enquanto no NT, ela se expande para incluir o envio de Jesus e seus discípulos a todas as nações. Dessa maneira, a missão fundamentada na Trindade é a manifestação da vontade salvífica universal de Deus, comunicada à Igreja para ser levada ao mundo inteiro.

No NT, ainda encontramos diversos verbos para designar o conceito de missão. Os mais recorrestes são *apostello* e *pempo*.

No primeiro, o sentido cai sobre o enviado que recebe uma missão: é o apóstolo. No segundo, refere-se à pessoa que envia: “Como o Pai me enviou (*apostello*), também eu vos envio (*pempo*)” (Jo 20,21). Esses dois verbos exprimem a ação do envio, e não o conteúdo da missão confiada ou recebida. Esse conteúdo é expresso por meio de outros verbos: anunciar, pregar a conversão (cf. Mc 3,1; Lc 3,3), proclamar o Reino (cf. Lc 9,2), Jesus, a Palavra de Deus (cf. At 13,5), o Filho de Deus, (cf. At 9,20), o Cristo Ressuscitado (cf. 1Cor 2,14; 15,12.14)⁵.

Uma outra perspectiva é a de Paulo Suess, que, na obra *Introdução à Teologia da Missão*⁶, oferece uma concepção profunda sobre o conceito de missão, enfatizando a continuidade e as rupturas entre o AT e o NT. O teólogo enfatiza que, no AT, a missão é compreendida como um convite aos povos para uma peregrinação escatológica ao Monte Sião, simbolizando a Nova Jerusalém e a purificação da idolatria. A missão de Deus para com o povo

³ Todas as citações bíblicas são extraídas da Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

⁴ cf. PANAZZOLO, João. **Missão Para Todos: Introdução À Missiologia**. São Paulo: Paulus: 2019, p. 15-17.

⁵ PANAZZOLO, 2019, p. 17.

⁶ cf. SUESS, Paulo. **Introdução à Teologia da Missão: Convocar e enviar – servos e testemunhas do Reino**. Petrópolis-RJ: Vozes: 2007, p. 21-22.

de Israel frequentemente se manifesta como um chamado ao arrependimento e à purificação da idolatria. Textos como Ez 36,25-27 e Jr 4, 1-2 refletem essa dinâmica, na qual Deus convoca os israelitas a abandonarem a adoração de falsos deuses e se voltarem para Ele. A purificação é descrita de maneira simbólica, seja por meio da “água pura” que limpa a impureza dos ídolos, como em Ezequiel, ou pelo convite à reconciliação e cura espiritual, presente em Jeremias. Essas passagens exemplificam a missão divina de restaurar Israel à fidelidade e comunhão com o único Deus verdadeiro.

Já no NT, a missão assume o caráter de envio com os cristãos sendo chamados a levar a mensagem de Jesus Cristo até os confins do mundo, focando na conversão. Essa missão se manifesta de forma universal, na qual Jesus envia Seus discípulos a pregarem o Evangelho e a chamarem as pessoas à transformação de vida, como destacado anteriormente em Mt 28,19-20. O envio dos apóstolos reflete a continuidade do plano salvífico de Deus, agora expandido para todas as nações, com o foco na conversão e no discipulado. Essa missão exige que os cristãos abandonem suas antigas práticas e abracem o Reino de Deus, transmitindo a mensagem da salvação a todos os povos, sem distinção.

Karl Muller⁷ enfatiza que o conceito de missão não é estático; ele está sujeito a um processo contínuo de “formação e mutação”, refletindo a evolução das suas interpretações e aplicações ao longo do tempo. Assim, o significado da missão não deve ser visto como algo fixo e imutável, mas como uma ideia flexível que pode se adaptar às mudanças contextuais e às necessidades emergentes. Desse modo, a preocupação não estaria tanto no que diz respeito à ‘palavra’ em si, mas à coisa que intenciona dizer. Muller apresenta ainda diversas facetas da missão, incluindo a difusão da fé⁸, a expansão do Reino de Deus⁹, a conversão dos pagãos¹⁰, a fundação da Igreja¹¹, o avanço das fronteiras¹² e o serviço de arauto¹³.

Essa abordagem multifacetada indica uma preocupação em capturar a amplitude e a complexidade do conceito de missão ao destacar que sua verdadeira essência reside mais na intenção e no propósito do que em uma definição rígida e cristalizada. Diante do exposto, somos convidados a compreendê-la como um fenômeno dinâmico, que se desenvolve e se redefine conforme as circunstâncias e a progressividade da revelação de Deus ao homem na História de Salvação da humanidade.

⁷ cf. MULLER, Karl. **Teologia da Missão**: Introdução. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995, p. 33.

⁸ cf. MULLER, 1995, p. 35.

⁹ cf. MULLER, 1995, p. 36.

¹⁰ cf. MULLER, 1995, p. 37.

¹¹ cf. MULLER, 1995, p. 37-38.

¹² cf. MULLER, 1995, p. 38.

¹³ cf. MULLER, 1995, p.38.

1.2 A missão na Sagrada Escritura

A missão, na Sagrada Escritura, revela-se como parte integrante do plano salvífico de Deus. É, assim, um chamado constante para o envio do povo de Deus em sua atuação evangelizadora. Desde o AT, a eleição de Israel e sua aliança com o Senhor já apontam para uma vocação missionária, tornando-se luz para as nações. No NT, esse desígnio alcança sua plenitude na pessoa de Jesus Cristo, que, ao ensinar seus discípulos, confere à Igreja a responsabilidade de continuar a missão universal de levar a mensagem do Evangelho a todos os povos.

1.2.1 O mandato missionário no Antigo Testamento

Convém destacarmos, já no início dessa análise sobre o AT, que o leitor precisa considerá-lo em sua integralidade. A missão, como nosso objeto de estudo, não pode ser compreendida de maneira fragmentada ou isolada em determinadas passagens. Ao contrário, é necessário perceber como o tema missiologia perpassa toda a narrativa bíblica do AT, revelando-se de forma progressiva e abrangente. Toda narrativa bíblica do AT possui um valor próprio, que encontra seu pleno entendimento em Jesus Cristo¹⁴ no NT. Desse modo, somente ao considerarmos o AT como um todo, poderemos captar a verdadeira amplitude e importância do mandato missionário que nele está implícito.

Se entendermos “missão” como a ação de dirigir-se aos pagãos com o objetivo de comunicar-lhes a verdadeira fé e convertê-los ao único Deus, o AT pode parecer insatisfatório, já que esse tipo de “missão” não é uma realidade retratada nele. Assim, é essencial termos uma postura atenta à compreensão da gradualidade com que Deus se revela ao povo, o que enriquece nossa compreensão da “missão”, que também possui uma gradualidade e progressividade sistemática em seu estudo¹⁵.

¹⁴ A economia do AT foi orientada para preparar a vinda de Cristo, revelando, por meio de figuras e profecias, a pedagogia divina. Embora contenha elementos transitórios, o AT oferece ensinamentos profundos sobre Deus e a vida humana, e manifesta o mistério da salvação. Assim, a leitura do AT deve ser realizada com atenção e em sua totalidade, reconhecendo tanto seu valor próprio quanto sua culminação em Cristo, o que é fundamental para uma compreensão plena da missão (cf. DENZINGER, HEINRICH. **Compendio Dos Símbolos, Definições e Declarações de Fé e Moral**. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas; Edições Loyola, 2015, n. 4222-4223).

¹⁵ No AT, não encontramos evidências claras de uma missão destinada a outras nações. Não há informações que indiquem uma iniciativa missionária voltada para diferentes contextos geográficos ou uma busca por outros povos para lhes transmitir a salvação divina, como observamos no NT. Diante disso, será que podemos encontrar uma base bíblica para a missão no AT? Embora não se possa falar de uma perspectiva missionária cristã, identificamos elementos significativos e fundamentais para a missão.

Embora não encontremos evidências diretas de uma perspectiva de missão destinada a outras nações no AT, as quais indicariam uma iniciativa missionária, encontramos elementos significativos que nos ajudam a compor uma fundamentação de missão. Com efeito, há textos que apontam para essa compreensão, pois apresentam a visão de Deus como Senhor da história, que deseja se revelar e se relacionar com a humanidade.

No AT, a missão é vislumbrada através da escolha de Israel como povo eleito, chamado a ser luz para as nações (cf. Is 42,6). Através de figuras como Abraão, Moisés e os profetas, Deus revela seu plano de salvação que se estende a todos os povos. A missão é, portanto, uma resposta ao amor de Deus que deseja que o povo eleito o conheça¹⁶ e viva em comunhão com Ele em uma aliança, a qual, no texto veterotestamentário, pode ser compreendida a partir de dois momentos singulares na economia de salvação, a saber: com Noé e com Abraão.

Primeiramente, destacamos o texto de Genesis 9,8-11, que narra a aliança feita com Noé e com seus filhos:

Deus falou assim [...]: ‘Eis que estabeleço minha aliança convosco e com os vossos descendentes depois de vós, e com todos os seres animados que estão convosco: aves, animais, todas as feras, tudo o que saio da arca convosco, todos os animais da terra. Estabeleço minha aliança convosco: tudo o que existe não será mais destruído pelas águas do dilúvio; não haverá mais dilúvio para devastar a terra.

Essa aliança de Deus com Noé, registrada no livro do Gênesis, é um pacto universal que se estende a toda a humanidade e a todas as criaturas. Após o dilúvio, Deus promete a Noé que nunca mais destruirá a terra com água, estabelecendo o arco-íris (cf. Gn 9,12-16) como sinal da aliança¹⁷. Isso expressa a intenção de Deus de preservar a vida e a dignidade humana, mesmo diante do pecado que causara a destruição anterior.

Posteriormente, encontramos a aliança de Deus feita com Abraão:

Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei. Eu farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engrandecerei o teu nome; sê uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem, amaldiçoarei os que te amaldiçoarem. Por

¹⁶ A missão no AT pode ser compreendida à luz da Revelação veterotestamentária, que apresenta quatro características fundamentais: é interpessoal, deriva da iniciativa de Deus, é unificada pela Palavra e tem como objeto a Vida e a Salvação do homem. Nesse contexto, a missão se manifesta na ação de Deus que, através da Sua Palavra, revela-Se ao homem e o chama a uma comunhão que o redireciona ao Criador. Essa dinâmica interpessoal, na qual Deus se comunica por meio de profetas, sábios e sacerdotes, insere o homem na visão salvífica, estabelecendo uma missão interna de escuta e resposta à Palavra de Deus. Assim, a missão no AT não se dá por um envio explícito para fora, mas por um convite à conversão e à adesão ao plano divino de salvação, revelado progressivamente ao povo de Israel (cf. LATOURELLE R. FISICHELLA, R. **Dicionário de Teologia Fundamental**. Petrópolis, RJ: Vozes; Aparecida, SP: Santuário, 1994, p.8).

¹⁷ Essa aliança, afirma o Catecismo da Igreja Católica, “permanece em vigor durante todo o tempo das nações, até a proclamação universal do Evangelho” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA - Novíssima Edição de Acordo com o Texto Oficial em Latim. 19ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2017, n 58).

ti serão benditos todos os clãs da terra. Abrão partiu, como lhe disse *Iahweh*, e Ló partiu com ele (Gn 12,1-4a).

Se, em Noé, vemos um pacto de aliança universal com toda a criação, há um pacto mais específico e pessoal em Abraão. Deus promete a Abraão que ele será o pai de uma grande nação e que, através dele, todas as famílias da terra serão abençoadas. Aqui, “há uma aliança étnica; pois, a partir dele, Deus gera uma relação pessoal com o povo de Israel”¹⁸. Deus estabelece esse compromisso duradouro com Abraão e seus descendentes, prometendo-lhes uma terra e uma descendência numerosa: “Quando Abraão completou noventa e nove anos, *Iahweh* lhe apareceu e lhe disse: ‘Eu Sou *Shaddai*, anda na minha presença e sê perfeito. Eu instituo minha aliança entre mim e ti, e te multiplicarei extremamente’” (Gn 17,1-2). Desse modo, vemos que a aliança com Abraão é fundamental para a história da salvação, pois marca o início do povo escolhido, que, através de sua fé, tornar-se-á um canal de bênçãos para todas as nações.

Deus escolheu Abraão de modo pessoal e específico não por causa de sua superioridade ou mérito, mas justamente por ser pequeno e frágil, refletindo a predileção divina pelos humildes¹⁹. Essa escolha, expressa pela palavra hebraica *bāhar*, envolve uma missão particular com propósito universal. Embora a eleição de Abraão e do povo de Israel tenha sido única, destinada a formar uma nação a partir da qual Deus revelaria Sua vontade, ela estava longe de ser exclusivista. Pelo contrário, tinha como horizonte a universalização da missão divina, na qual Israel, como povo eleito, serviria de luz para todas as nações, permitindo que a salvação e o amor de Deus se estendessem a toda a humanidade. Assim, a escolha pessoal de Abraão é entendida como ponto de partida para a missão universal de Deus, que visa alcançar todos os povos através da revelação progressiva e da ação salvadora iniciada com Israel²⁰.

A partir disso, vemos, na Sagrada Escritura, o esforço da iniciativa de Deus em sempre chamar homens e mulheres, a fim de sustentar e recordar sua palavra/aliança com esse povo ao transmitir-lhes Sua mensagem. Surge então, um movimento que a Teologia compreende como

¹⁸ JARDIM, Maurício da Silva (Coord.). **A Missionariedade: alguns de seus fundamentos**. Coleção – Itinerário de formação missionária. São Paulo, Loyola; Brasília, POM-Brasil, 2019, p. 15.

¹⁹ cf. JARDIM, 2019, p.15.

²⁰ cf. SENIOR, D.; STUHLMULLER, C. **Os Fundamentos Bíblicos da Missão**. 1987, p.129-131.

profetismo. O profeta (*nabî*)²¹ – o que é chamado²² – desempenha a função de ser a voz²³ de Deus para salvaguardar o *Ius Divino*²⁴, ou seja, a verdade de que Deus é o Deus de Israel²⁵.

Esse compromisso divino ilustra a missão central dos profetas nas Sagradas Escrituras: a de reforçar e revitalizar a aliança entre Deus e Seu povo. Por meio de suas mensagens, os profetas não apenas relembram a fidelidade de Deus às Suas promessas, mas também asseguram a continuidade da relação espiritual e moral que define a identidade de Israel. Essa missão profética é, portanto, fundamental para entender como a aliança é vivida e preservada ao longo da história sagrada. À vista disso, a função dos profetas não se limita a prever o futuro; inclui também a exortação, a correção e a proclamação da vontade divina, formando o povo na esperança de salvação e na expectativa de uma nova e eterna aliança (cf. CEC 64).

Dentre os profetas, podemos destacar Samuel (cf. 1 Sm 3,10-14), Isaías (cf. Is 6,1-12) e Jeremias (cf. Jr 1,4-19) pois cada um, em seu contexto específico, desempenhou um papel singular no anúncio da vontade divina e na formação do povo de Deus. Mas vale ressaltar aqui, que é Moisés o grande referencial do profetismo bíblico (cf. Dt 34,10), tendo em vista seu papel central como mediador entre Deus e povo de Israel, conforme nos apresenta o documento

²¹ Segundo Sicre, esse é o termo mais usado no AT, com aproximadamente 315 vezes. É o termo mais clássico para referir-se aos profetas (cf. SICRE DIAS, José Luiz. **Introdução ao Profetismo Bíblico**. Petrópolis-RJ, Vozes: 2016, p. 57).

²² “Em hebraico, a denominação corrente do profeta era *nābî*. A origem do vocábulo é incerta; com toda a probabilidade quer dizer “o que é chamado”. Na Setenta (LXX), *nābî* se traduz sempre por *prophētēs*. A etimologia da palavra grega não oferece dificuldade alguma, embora a palavra tenha sido mal compreendida. A palavra vem do verbo *phēmi* – “dizer”, “falar” – mais o prefixo *pro*. Este *pro* não é temporal (predizer), mas substitutivo (falar em lugar de, em nome de). O profeta é um porta-voz, um arauto, alguém que fala em nome de Deus; é alguém chamado por Deus para ser seu porta-voz” (HARRINGTON, Wilfrid John. **Chave Para a Bíblia**: a revelação, a promessa, a realização. Coleção Biblioteca de Estudo Bíblico. São Paulo, Paulus, 1985, p. 267).

²³ Sicre destaca que, embora o papel do *nabî* varie ao longo do tempo, sua função essencial é comunicar a palavra de outra pessoa, como Aarão fez em relação a Moisés (Ex 7,1). Esse papel de intérprete ou mensageiro se mantém constante, seja na atuação individual ou em grupo, uma tradição que remonta aos registros mais antigos e persiste até o final do movimento profético (cf. SICRE, 2016, p. 58).

²⁴ O *Ius Divino*, ou “direito divino”, na tradição católica, representa a lei moral fundamentada na sabedoria de Deus, orientando o ser humano para o bem e proibindo o que o distancia de Deus e de Seu amor. Essa lei, eterna, objetiva e acessível à razão humana, reflete o bem verdadeiro e governa a vida em sociedade segundo um plano de sabedoria e amor divinos. Nesse contexto, os profetas desempenham um papel crucial ao recordar ao povo a necessidade de fidelidade à aliança com Deus, reforçando a observância dos preceitos divinos que sustentam a convivência justa e a moralidade na comunidade.

²⁵ Esse comprometimento divino com Israel é reiterado em diversas passagens bíblicas, nas quais Deus Se apresenta como o Senhor dos patriarcas, afirmando: “Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, e o Deus de Jacó” (Ex 3,6). A escolha especial de Israel é destacada: “Pois tu és um povo consagrado a Iahweh teu Deus; foi a ti Iahweh teu Deus escolheu para que pertences a ele como o seu povo próprio, dentre todos os povos que existem sobre a face da terra” (Dt 7,6). Essa promessa de presença divina é reforçada com as palavras: “Estarei no meio de vós, serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo” (Lv 26,12). Em Isaías, Deus reconforta e reafirma Sua aliança com o povo: “Mas agora, diz Iahweh, aquele que te criou, ó Jacó, aquele que te modelou, ó Israel: Não temas, porque eu te resgatei, chamei-te pelo nome: tu és meu” (Is 43,1). Finalmente, em Jeremias, encontramos a promessa de uma aliança inscrita no coração de Israel: “Porque esta é a aliança que concluirei com a casa de Israel depois desses dias, oráculo de Iahweh. Porei minha lei no fundo do seu ser e a escreverei em seu coração. Então serei o seu Deus e eles serão o meu povo” (Jr 31,33).

conciliar *Dei Verbum*. Moisés é, em vista disso, uma figura essencial na preparação do caminho para a revelação do Evangelho, haja vista que guia o povo no reconhecimento de Deus e na esperança da salvação:

Deus, criando e conservando todas as coisas pelo Verbo (cf. Jo 1,3), oferece aos homens um testemunho perene de si mesmo na criação (cf. Rm 1,19-20) e, além disso, decidindo abrir o caminho da salvação sobrenatural, manifestou-se a si mesmo desde o princípio, aos nossos primeiros pais. Depois da queda destes, juntamente com a promessa da redenção deu-lhes a esperança da salvação (cf. Gn 3,15), e cuidou continuamente do gênero humano, para dar a vida eterna a todos aqueles que, perseverando na prática das boas obras, procuram a salvação (cf. Rm 2,6-7). No devido tempo, chamou Abraão, para fazer dele um grande povo (cf. Gn 12,2-3), ao qual, depois dos patriarcas, ele ensinou, por meio de Moisés e dos profetas, a reconhecer em si o único Deus vivo e verdadeiro, o Pai providente e o juiz justo, e a esperar o Salvador prometido; assim preparou, através dos tempos, o caminho ao Evangelho (DV 3)²⁶

Moisés é o mediador da Aliança e o Libertador do povo da escravidão (cf. Ex 3,10; 19,5-6). Apesar de suas hesitações e questionamentos, ele aceita a missão de ser o porta-voz de Deus, demonstrando que a resposta humana ao chamado divino é essencial para a realização do plano de salvação (cf. Ex 3,11-12; 4,10-11). Esse profeta é visto como intercessor do povo de Israel, atuando como uma ponte entre Deus e os israelitas (cf. 32,11-12; Nm 14,10-19). Por fim, Moisés ilustra que a missão profética está profundamente enraizada na comunhão com Deus, evidenciada em sua constante busca pela orientação divina e em seu papel de intercessor pelo povo (cf. Ex 33,11).

Esses elementos do AT são imprescindíveis na fundamentação da missiologia para preparar a revelação evangélica (cf. DV 3). E na medida em que avançamos para o NT, vemos que o próprio Jesus Cristo é o cumprimento definitivo da promessa proclamada pelos profetas no texto veterotestamentário. A tradição cristã vê Jesus Cristo como o novo mediador (cf. Dt 18,15), aquele que oferece a verdadeira libertação e cumprimento da Lei em vista da realização do plano de salvação que Deus tem para com o seu povo. N'Ele, encontramos o Profeta por excelência, que dá ao povo a revelação plena de Deus.

1.2.2 O mandato missionário no Novo Testamento

O NT realiza o cumprimento da promessa feita ao povo de Israel (cf. Mt 5,17; Lc 24,44). Com a vinda de Cristo, a missão assume um novo significado. Se, no AT, a missão era entendida

²⁶ CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum* - Constituição Dogmática sobre a Divina Revelação, n. 3. In. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997.

principalmente como um envio específico e limitado de indivíduos como Moisés e Jeremias para cumprir tarefas e transmitir a palavra de Deus, agora ela se expande e se universaliza. Cristo, como enviado de Deus (cf. Jo 3,16), não só continua a dimensão profética da missão; Ele amplia sua abrangência ao enviar seus discípulos a levar a mensagem de salvação a todas as nações (cf. Mt 28,19). A missão no NT é, portanto, uma chamada para proclamar o Evangelho (cf. Mc 16,15), promover a conversão (cf. At 2,38) e testemunhar a verdade de Jesus Cristo, refletindo a vontade salvífica universal de Deus e sua compaixão incondicional pelo mundo (cf. 1Jo 2,2).

Senior e StuhlmueLLer²⁷ nos oferecem uma análise sobre o desenvolvimento da missão do AT para o NT, destacando a transição significativa que ocorreu no Judaísmo do século I e no Cristianismo primitivo. Eles observam que, enquanto no AT não havia um chamado explícito para a missão entre os gentios comparável ao Cristianismo primitivo, o NT trouxe uma preocupação explícita e predominante com a missão universal. A grande e nova perspectiva, como já mencionado, na missão cristã, é atribuída à pessoa e ao ministério de Jesus, que ampliou o anúncio da missão confiada por Deus. Os autores ainda ressaltam que, embora Jesus não tenha deixado um programa missionário explícito, seu ministério estabeleceu a base para a consciência missionária da Igreja primitiva, a qual se perpetua até os dias de hoje na vida da Igreja.

Em toda estrutura literária do NT, podemos encontrar grandes indicações e paradigmas que nos explicitam diferentes compreensões e perspectivas acerca da missão. Desde os Evangelhos, Atos dos Apóstolos, Cartas Católicas a Hebreus e Apocalipse, percebemos fragmentos da ação de uma missiologia expressa nos textos neotestamentário. Apresentaremos, a seguir, uma pequena abordagem do mandato missionário presente nos quatro Evangelistas – Mateus, Marcos, Lucas e João –, e no Livro dos Atos dos Apóstolos.

1.2.2.1 Mandato missionário no Evangelista Mateus - Mt 28,16-20

Os onze discípulos caminharam para a Galileia, à montanha que Jesus lhes determinara. Ao vê-lo, prostraram-se diante dele. Alguns, porém duvidaram. Jesus aproximando-se deles, falou: “todo poder me foi dado no céu e sobre a terra. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo o que vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!” (Mt 28,16-20).

²⁷ Cf. SENIOR, D.; STUHLMUELLER, C., 1987, p. 190.

Tido como o Mandato Missionário Universal, o texto de Mateus 28,16-20 é fundamental para compreender a definição de missão. O redator sagrado nos informa que, após a ressurreição, Jesus reúne os onze discípulos na Galileia e confere a eles uma missão universal. Ao declarar que “todo poder me foi dado no céu e sobre a terra” (Mt 28,18), Ele estabelece sua autoridade universal, que fundamenta e legitima o mandato missionário de seus discípulos. A ordem “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos” (Mt 28,19) marca a transição significativa de um compromisso que parte do foco local para todo ser humano, ampliando a missão além das fronteiras de Israel para incluir todas as nações²⁸.

Podemos identificar, por fim, conforme afirma Scott Hahn, três etapas da missão no mandato missionário em Mateus 28,16-20:

1º. Evangelizar todas as nações envolve mais do que ganhar alguns discípulos individualmente; carrega em si o objetivo de converter culturas inteiras. Todos os aspectos da vida devem ser conduzidos sob o senhorio do Cristo e de acordo com o evangelho; 2º. A administração dos sacramentos é parte essencial da missão da Igreja e de nossa resposta a ela. Batizar recém-convertidos é o primeiro passo de um longo processo de santificação e participação na vida da Igreja; 3º. A transmissão de tudo que Cristo ensinou é uma tarefa assistida pelo Espírito Santo, que guia a Igreja na proclamação infalível do evangelho.²⁹

Jesus ordena, junto ao mandato da proclamação do Evangelho, o compromisso de batizar as nações, fazendo com que seus discípulos observem seus ensinamentos e tudo o quanto Ele os ordenou. Aqui encontramos sublinhada a profundidade e abrangência da tarefa missionária do discípulo de Cristo. É o próprio Cristo que garante aos seus o encorajamento para a missão e o seu apoio divino: “E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!” (Mt 28,20). Assim, o mandato missionário no Evangelista Mateus enfatiza a responsabilidade dos discípulos para com a expansão do alcance da Mensagem Divina a todo mundo.

1.2.2.2 mandato missionário no Evangelista Marcos - Mc 16,15

E disse-lhes: “ide por todo mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura. Aquele que crer e for batizado será salvo; o que não crer será condenado. Estes são os sinais que acompanham os que tiverem crido: em meu nome expulsarão demônios, falarão em novas línguas, pegarão em serpentes e se beberem algum veneno mortífero, nada sofrerão; imporão as mãos sobre os enfermos, e estes ficarão curados” (Mc 16,15-18).

²⁸ Antes da missão universal, o anúncio da mensagem da palavra de Deus deveria ser anunciado ao povo de Israel (cf. Mt 15,24), pois era o que exigia o plano divino. Só assim, a salvação deveria ser anunciada a todas as nações.

²⁹ HAHN, Scott; MITCH, Curtis. **O Evangelho de São Mateus** – Coleção: Cadernos de estudo bíblico. Trad. Thomaz Perroni. Campinas, SP: Editora Ecclesiae, 2014, p. 140.

O mandamento missionário ordenado por Jesus no Evangelho de Marcos nos oferece uma compreensão clara da prática da missão. Ele deixou o batismo e a fé como sinais que acompanham os crentes na missão de anunciar a Boa Nova e proclamar a mensagem a todas as pessoas, sem exceção, com caráter notavelmente universal.

A comunidade de São Marcos salvaguarda a grande perspectiva da missão que é abrangente e global. Ao contrário de outras abordagens mais localizadas ou restritas (cf. Mc 1,38-39; 3,7-8; 6,7-13), aqui a missão é vista como um imperativo para alcançar todas as partes do mundo e todas as criaturas – “ide por todo mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15) –, ressaltando a abrangência universal da mensagem cristã, destinada a todas as nações.

Além disso, Jesus acrescenta uma dimensão singular ao mandamento, mencionando sinais específicos que acompanharão aqueles que crerem: expulsão de demônios e comunicação por meio de novas línguas (cf. Mc 16,17), proteção contra perigos e cura dos enfermos (cf. Mc 16,18). Tudo isso vai além de mera simbologia, são provas concretas do poder de Deus em ação, que confirmam a veracidade da mensagem e a intervenção divina na missão. Esses sinais atuam como evidência da autenticidade da proclamação do Evangelho e como testemunho da presença e do suporte contínuo de Deus na missão. Nas palavras de Scott Hahn:

O poder do Evangelho é visto através dos milagres que fazem aqueles que o pregam. Na Igreja primitiva, os apóstolos expulsaram demônios (At 16, 16-18), falaram em novas línguas (At 2, 4-11), suportaram picadas de serpentes sem se machucarem (At 28, 1-6) e curaram uma série de enfermidades através da prática da imposição das mãos (At 3, 6-8; 28, 8; CIC 434, 670). Ainda que esses sinais não tenham fim em si mesmos, eles podem ser motivos de credibilidade que levam os infieis a acolherem o Evangelho e, da mesma forma, levam os fiéis a ver a razoabilidade de sua fé.³⁰

Dessa forma, os sinais não apenas confirmam a missão, mas também reforçam a necessidade de uma abertura ao mundo, alinhando-se ao caráter universal da missão que Jesus delegou aos seus discípulos. Isso ressalta que, no Evangelho de São Marcos, o caráter missionário é central, pois destaca a importância de abrir-se ao mundo e não se limitar a um contexto específico. Jesus é apresentado como o missionário universal, cuja missão começa na Galileia e se expande além das fronteiras locais, conforme indicado por sua convocação para

³⁰ HAHN, Scott; MITCH, Curtis. **O Evangelho de São Marcos** – Coleção: Cadernos de estudo bíblico. Trad. Thomaz Perroni. Campinas, SP: Editora Ecclesiae, 2014, p. 93.

“ir para outro lugar” (Mc 1,38). Os escritos de Marcos são concluídos com o mandato missionário que orienta os discípulos a espalharem o Evangelho com suas vidas.³¹

Essa perspectiva enfatiza que, assim como Jesus ultrapassou barreiras e convoca todos ao universalismo, os seguidores também devem enfrentar o medo e se deixar motivar pela ousadia da mensagem, garantindo que a salvação seja um convite inclusivo para toda a humanidade.

1.2.2.3 Mandato missionário no Evangelista Lucas – Lc 24,46-49

E disse-lhes: “Assim está escrito que o Cristo devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e que, em seu Nome, fosse proclamado o arrependimento para a remissão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém. Vós sois testemunhas disso. Eis que eu enviarei sobre vós o que meu Pai prometeu. Por isso, permaneço na cidade até serdes revestidos da força do Alto” (Lc 24,46-49).

Embora não seja de modo explícito, como nos outros dois Evangelhos sinóticos, é possível falar de um mandato missionário no Evangelho de São Lucas, que implica uma missão a ser cumprida e oferece uma visão sobre a expansão da mensagem de Jesus. Primeiramente, temos a missão dos doze discípulos, conforme descrito em Lucas: “Convocando os Doze, deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demônios, bem como para curar doenças, e enviou-os a proclamar o Reino de Deus e a curar” (9,1-6). Nessa passagem, Jesus envia os doze para pregar e curar, estabelecendo um precedente para a missão.

Em seguida, Lucas 10,1-3 apresenta a missão dos setenta discípulos:

Depois disso, o Senhor designou outros setenta e dois, e os enviou dois a dois à sua frente a toda cidade e lugar que ele próprio deveria ir. E disse-lhes: A colheita é grande, mas os operários são poucos. Pedi, pois, ao Senhor da colheita que envie operários para a colheita. Eis que vos envio como cordeiros entre lobos.

Essa passagem expande o conceito de missão ao preparar o caminho para a chegada do próprio Jesus em várias cidades e lugares.

No entanto, é, em Lucas 24, 46-47, que percebemos um caráter de missão universal: “E disse-lhes: 'Assim está escrito que o Cristo devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e que, em seu Nome, fosse proclamado o arrependimento para a remissão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém’. Nas últimas instruções aos apóstolos, Jesus indica que a salvação agora deve ser anunciada além de Israel, abrangendo todas as nações.

³¹ cf. JARDIM, 2019, p. 18.

O mandato universal no Evangelho de Lucas é a chamada clara e imperativa para anunciar o Evangelho de Jesus a todas as nações, a partir da experiência pessoal com Ele e do testemunho da sua Ressurreição, como nos é relatado em Lc 24,48: “Vos sois testemunhas destas coisas”. Dessa forma, o Evangelista não apenas confirma a expansão da missão além das fronteiras de Israel, como também reforça a responsabilidade contínua dos discípulos em levar a mensagem salvadora a todos os povos.

1.2.2.4 Mandato missionário no Evangelista João – Jo 20,21-23

Ele lhes disse de novo: “A paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, também vos envio. Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse: Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhe-ão perdoados; aqueles os quais retiverdes ser-lhe-ão retidos” (Jo 20,21-23).

No Evangelho de São João, o tema da missão é claramente delineado através de diversos momentos significativos em que Jesus direciona e capacita seus discípulos. Embora não haja um “mandato missionário” de forma tão direta quanto nos Evangelhos sinóticos, ele contém passagens que implicam uma missão e um chamado para espalhar a mensagem do Evangelho de Jesus Cristo.

Em João 15,16, Jesus revela que a missão dos discípulos não é fruto de sua escolha pessoal, mas de um chamado divino: “Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi e vos designei para ides e produzirdes frutos”. Além disso, em João 17,18, Jesus expande essa missão, dizendo: “Como tu me enviaste ao mundo, também eu os envie ao mundo”, indicando uma continuidade no envio divino.

A revelação divina se estende a todos os que são chamados e designados a proclamar a mensagem de salvação. No Evangelho de São João, notamos que a missão é caracterizada pela superação do medo e pela transformação que resulta do encontro com Jesus. Inicialmente³², os discípulos estavam temerosos e isolados, mas a ressurreição e a vinda do Espírito Santo foram forças decisivas que os capacitaram a vencer o medo e a se abrir para o mundo. Desse modo, é somente após a ressurreição que o próprio Jesus Ressuscitado confere aos discípulos o Espírito Santo e a autoridade, a fim de serem enviados e de perdoarem pecados: “Como o Pai me enviou, também eu vos envio [...] Recebei o Espírito Santo” (cf. Jo 20,21-23).

³² A expressão “inicialmente” refere-se especificamente à condição dos discípulos logo após a morte de Jesus, conforme descrito em João 20,19a: “À tarde desse mesmo dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas onde se achavam os discípulos, por medo dos judeus”. Nesse momento, os discípulos estavam temerosos e isolados, mas essa situação se transforma após o encontro com o Cristo ressuscitado. Durante a vida pública de Jesus, contudo, os discípulos nem sempre foram caracterizados pelo medo e isolamento.

Percebemos, portanto, que, em João, há o envio dos discípulos, que outrora foram chamados e sustentados pela presença do Espírito Santo para produzirem frutos. Essa talvez seja a característica singular presente na eleição ou no chamado. Todavia, para além disso, o texto nos faz compreender que há uma continuidade entre a missão de Jesus e de seus discípulos, e mostra como a força do encontro com o mestre gera missionários, ou seja, a missão que Cristo confere a seus discípulos indica uma continuação da missão do Pai, pois Ele envia como o Pai o enviou.

Desse modo, o Evangelho de São João enfatiza uma missão profunda e intrínseca para os discípulos e o seu discipulado. Através do gesto de enviá-los, após a ressurreição, Jesus estabelece uma continuidade entre sua missão e a daqueles que Ele chama. A entrega do Espírito Santo marca o “empoderamento” necessário para que os discípulos superem o medo e cumpram sua vocação de espalhar o Evangelho.

Assim, o Evangelista nos informa que a missão de Jesus, sustentada pela presença e ação do Espírito Santo, transforma os discípulos e os envia ao mundo, perpetuando a missão divina com um ardor missionário. A mensagem é clara: o chamado dos discípulos é um reflexo da missão do Pai e do Filho, e seu sucesso está fundamentado na força da ressurreição e no dom do Espírito Santo.

1.2.2.5 Mandato missionário nos Atos dos Apóstolos – At 1,8

No livro dos Atos dos Apóstolos, o “mandato missionário” é compreendido como a missão universal confiada por Cristo a seus seguidores, marcando o início da expansão da Igreja e da pregação do Evangelho para todos os povos. O principal texto que destacamos para entender esse mandato está em Atos 1,8, no qual Jesus diz a seus discípulos: “Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e a Samaria, e até os confins da terra”. Esse versículo revela várias características do “mandato missionário” presente no livro dos Atos dos Apóstolos.

Primeiramente, tal passagem destaca a universalidade da missão (At 1,8; 13,47), que começa com uma perspectiva gradual e culmina na extensão do anúncio a toda a terra. No que diz respeito a essa visão, que aponta a universalidade da missão e a gradualidade da proclamação da Boa Nova no livro dos Atos dos Apóstolos, Scott Hahn oferece um pequeno índice e uma justificativa para essa compreensão: “O evangelho é pregado em Jerusalém (1-7),

espalha-se pela Judéia e Samaria (8-12), e depois é difundido no Império Romano (13-28)”³³. Os autores Hahn e Mitch ainda enfatizam que a “fronteira desta missão relembra a visão de Isaías da salvação alcançando os confins da terra (Is 45, 22; 48, 20; 49, 9; 62, 11)”³⁴, e que, “embora muitos escritores da Antiguidade Judaica e Pagã acreditassem que o mundo acabava na costa Atlântica da Espanha, a expressão ‘confins da terra’ não se limita às fronteiras geográficas estabelecidas na época”³⁵. Desse modo, essa compreensão da missão, que deriva da primeira característica – gradualidade e universalidade –, prepara o terreno para explorar como essa mensagem se concretiza ao longo da narrativa dos Atos dos Apóstolos.

A segunda característica a ser destacada é o tema do poder do Espírito Santo³⁶ (cf. At 1,8; 2,4; 4,31), que é essencial para o cumprimento da missão dada por Cristo. Somente através da ação do Espírito é possível receber o poder e a coragem necessários para pregar e testemunhar a Boa Nova.

Uma terceira perspectiva é a compreensão da ideia de “testemunhas”³⁷ (cf. At 1,8; 2,32; 3,15; 5,32). Assim, os discípulos, como as primeiras testemunhas da Ressurreição de Jesus, não apenas devem anunciar a mensagem, como também viver de acordo com os ensinamentos de Cristo, demonstrando, com suas vidas, a adesão ao Evangelho.

Por fim, a continuidade da missão apostólica, da expansão e estruturação da Igreja (cf. At 1,2; 1,8; 9,31; 14,23;) é evidente na ação dos apóstolos, pois eles dão seguimento ao trabalho de Jesus. Transmitem seus ensinamentos de geração em geração e são responsáveis pela organização e expansão das primeiras comunidades cristãs, servindo de modelo para a propagação da Igreja ao longo da história.

No livro dos Atos dos Apóstolos, a missão da Igreja é apresentada como obra do Espírito Santo, cujos missionários são servos dedicados que não buscam ganhos pessoais³⁸. O texto ilustra que a missão se desenvolve no mundo, onde os apóstolos enfrentam perseguições semelhantes às que Jesus sofreu e encontram encorajamento para superarem os desafios e manterem a fé. Dessa forma, o “mandato missionário” estabelece aqui uma base fundamental

³³ HAHN, Scott; MITCH, Curtis. **O livro dos Atos dos Apóstolos** – Coleção: Cadernos de estudo bíblico. Trad. Giuliano Bonesso. Campinas, SP: Editora Ecclesiae, 2018, p. 27.

³⁴ HAHN, Scott; MITCH, Curtis, 2018, p. 27.

³⁵ HAHN, Scott; MITCH, Curtis, 2018, p. 27.

³⁶ “Estas palavras também aparecem juntas em Lc 1,35, mostrando que o mesmo Espírito que gerou a humanidade do Cristo no ventre de Maria também irá gerar a Igreja no mundo. As palavras usadas nesta promessa são inspiradas em Is 32, 15” (HAHN, Scott; MITCH, Curtis, 2018, p. 26).

³⁷ “Ou seja, testemunhas da morte e ressurreição de Jesus (1, 22; 2, 32; 3,15; 5, 32; 10, 41). Uma tradução da palavra grega *martys*, de onde o termo “mártir” é derivado. Na narrativa dos Atos, todos os discípulos dão testemunho de Cristo com suas palavras e vidas, enquanto Estêvão e Tiago oferecem seu testemunho como mártires da fé (7, 58-60; 12, 1-2; CIC 857. 995)” (HAHN, Scott; MITCH, Curtis, 2018, p. 26-27).

³⁸ cf. JARDIM, 2019, p. 20.

para a missão da Igreja, sublinhando a continuidade do chamado de Jesus e a essencial importância do Espírito Santo na concretização desse ministério global.

A missão cristã, profundamente enraizada tanto no AT quanto no NT, reflete a vontade universal de Deus de alcançar a humanidade com seu plano de salvação. Desde a aliança com Noé e Abraão até o envio definitivo de Jesus Cristo e de seus discípulos, a missão se revela como um processo dinâmico que abrange todas as nações e culturas, ampliando-se de uma perspectiva inicial centrada em Israel para uma missão universal. No NT, Jesus não só assume o papel de missionário por excelência, mas também capacita a Igreja a continuar sua obra redentora, formando os discípulos e dando-lhes o Espírito Santo para serem suas testemunhas até os confins da terra.

Portanto, a missão cristã é vista não como uma tarefa estática, mas como uma resposta viva ao chamado divino, sempre em transformação de acordo com as necessidades e desafios emergentes. Ela é a expressão do desejo de Deus de que todos os homens se reconciliem com Ele, seja pela pregação do Evangelho, pela conversão ou pelo testemunho de vida. Em última análise, a missão não é apenas um dever, mas uma manifestação do amor divino que impulsiona a Igreja a ser luz para o mundo e sacramento universal de salvação.

Concluindo a análise da fundamentação bíblica da missão, observamos que a trajetória missionária na Sagrada Escritura reflete o plano divino de salvação, que atinge seu ápice no envio de Cristo e, a partir dele, no envio de seus discípulos. Esse contexto prepara o terreno para uma abordagem mais profunda sobre a natureza teológica da missão, que será explorada no próximo capítulo. Por isso, o segundo capítulo deste trabalho será dedicado a examinar como a missão emana da Santíssima Trindade. A partir da comunhão entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, a essência da missão divina se revela marcada pelo amor trinitário que se expande e se comunica ao mundo. A Trindade, como fonte e modelo da missão, fundamenta toda a dinâmica evangelizadora da Igreja, o que indica a profundidade desse mistério na teologia cristã.

2 TEOLOGIA DA MISSÃO

*“A missão é uma paixão por Jesus, e simultaneamente uma paixão pelo seu povo. Quando paramos diante de Jesus crucificado, reconhecemos todo o seu amor que nos dignifica e sustenta, mas lá também, se não formos cegos, começamos a perceber que este olhar de Jesus se alonga e dirige, cheio de afeto e ardor, a todo o seu povo”
(EG 268)*

Neste segundo capítulo, abordaremos a fundamentação teológica da missão, complementando a reflexão iniciada no primeiro capítulo, que tratou da fundamentação bíblica. Enquanto a fundamentação bíblica nos ofereceu a base textual e espiritual da missão, agora aprofundaremos o entendimento teológico, explorando as origens e o propósito divino da atividade missionária no mundo.

A teologia da missão está enraizada no mistério da Santíssima Trindade, no qual o Pai, o Filho e o Espírito Santo participam ativamente do plano de salvação da humanidade. Nesse contexto, a missão da Igreja se destaca como um prolongamento da dinâmica trinitária e, por isso, é chamada a ser sacramento universal da salvação. Assim, refletiremos sobre como a missão da Igreja nasce dessa comunhão divina e se expressa na continuidade da obra redentora, formando o itinerário missionário para a formação sacerdotal.

2.1 A missão nasce na Trindade

Apesar de escapar à nossa razão, a compreensão acerca da Santíssima Trindade é também cognoscível ao nosso entendimento; ela é lida e percebida aos olhos como um ‘mistério’ inesgotável. Não podemos, assim, expressá-lo em sua totalidade por não possuímos uma proveniente imaginação capaz de dizê-lo³⁹, já que Deus, segundo o Catecismo, transcende toda criatura (cf. CEC 42); e se o é mistério, não precisa ser primeiramente entendido, mas vivido. Diante desse grande mistério da fé, compete a cada fiel crer, celebrar e viver uma relação pessoal com o Deus vivo e verdadeiro (cf. CEC 2558).

Quando estudamos a Santíssima Trindade, podemos apresentar, dentre tantas outras afirmações, duas prerrogativas que sintetizam a nossa leitura de análise: Deus é um só e em pessoas três; e o Pai, o Filho e o Espírito Santo são Deus, como nos afirma Denzinger acerca do concílio de Latrão:

³⁹ Cf. SUESS, 2007, p. 49.

Cremos firmemente e confessamos sinceramente que um só é o verdadeiro Deus eterno e incomensurável, imutável, incompreensível, onipotente e inefável, Pai e Filho e Espírito Santo: três pessoas, mas uma só essência, substância ou natureza absolutamente simples. O Pai não ‘provém’ de ninguém, o Filho só do Pai, o Espírito Santo de modo igual de um e de outro, sempre sem início e sem fim. O Pai gera, o Filho nasce, o Espírito Santo procede. São consubstanciais, coiguais, coonipotentes e coeternos.⁴⁰

Dessa forma, ao aproximarmos do mistério insondável da Santíssima Trindade, somos convidados não apenas a contemplar sua unidade e distinção de pessoas, mas também a refletir sobre a missão que procede de cada uma delas. A missão do Pai, que nos revela o princípio criador e fonte de todo o amor; a missão do Filho, que, na encarnação, traz a nós redenção e salvação; e a missão do Espírito Santo, que, como guia e consolador, santifica-nos e nos conduz à plenitude da verdade. Essas três missões interligadas nos oferecem uma visão mais profunda do agir de Deus no mundo e na História da Salvação, enriquecendo nossa compreensão do dinamismo missionário da Trindade.

2.1.1 A Missão do Pai

Deus usa uma pedagogia para se manifestar. Primeiramente, ele revela que é Deus, um só Deus (cf. Dt 6, 4). Essa é a revelação do AT, confirmada pelo próprio Cristo: “O Senhor nosso Deus é o único Senhor” (Mc 12, 29).

A Missão do Pai, como descrita pelo Concílio Vaticano II, é a origem de toda missão⁴¹, manifestando-se no “amor fontal” (cf. AG 2)⁴², que cria e redime. Deus Pai, sendo o princípio absoluto do qual procede o Filho e pelo qual o Espírito Santo atua, deseja derramar sua bondade divina sobre a criação. Tal caridade, que brota de Deus, não só cria a humanidade, como também a chama para participar da própria vida e glória divinas, formando um povo unido. É um amor que transborda da própria essência divina, atuando como uma fonte inesgotável, que se manifesta de diversas formas na criação e na história da salvação.

⁴⁰ DENZINGER, 2015, 800.

⁴¹ Como enfatizado pelo Papa Francisco, a missão é sempre uma iniciativa divina. Deus toma a dianteira no processo evangelizador, chamando-nos a cooperar com Ele e impelindo-nos com a força do Espírito Santo: “Em qualquer forma de evangelização, o primado é sempre de Deus, que quis chamar-nos para cooperar com Ele e impelir-nos com a força do seu Espírito. A verdadeira novidade é aquela que o próprio Deus misteriosamente quer produzir, aquela que Ele inspira, aquela que Ele provoca, aquela que Ele orienta e a companhia de mil e uma maneiras” (FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium* – Exortação Apostólica sobre o Anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo, SP: Paulinas, 2019, n 12).

⁴² CONCÍLIO VATICANO II. *Ad Gentes* - Decreto sobre a atividade missionária da Igreja. In. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997 – Coleção Documentos da Igreja.

Esse amor é como uma fonte inesgotável que sempre flui como água viva, que jorra na terra pelo Espírito Santo e que, verdadeiramente, faz parte da criação por meio da Palavra que se tornou carne. Trata-se de um movimento de amor que marca o relacionamento das pessoas divinas entre si e destas com a humanidade. Desse modo, Deus é uma fonte de amor que envia.⁴³

Nesse ínterim, Deus se revela e informa que Ele não “É” sozinho, Ele é um, mas eterno, que envia o Filho eterno, o primogênito de toda criatura. Jesus sempre esteve com o Pai – essa afirmação, respaldada por várias passagens da tradição católica, ressalta que a encarnação do Filho de Deus revela sua consubstancialidade com o Pai, ou seja, o Filho é plenamente Deus, assim como o Pai. Isso implica afirmar que o Filho existe em relação ao Pai desde a eternidade, sendo gerado por Ele.

A teologia trinitária, conforme ensina o Papa João Paulo II, destaca que o Pai é o princípio absoluto da vida trinitária, de quem procede toda a vida divina⁴⁴. O Pai é, pois, origem de toda a divindade, conforme expressa o VI Concílio de Toledo⁴⁵, e o Filho é consubstancial ao Pai, como expressa o Símbolo de Niceia⁴⁶. O Evangelho de João reforça essa verdade ao declarar: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (Jo 1,1), indicando a presença eterna do Filho junto ao Pai.

Desse modo, o Filho é de tal modo glorificado e é de igual honra e adoração como o Pai. Com efeito, o próprio Cristo se fez compreender que ele, além de Filho, é também Senhor (cf. Mc 12, 35-37), o que nos revela que o Filho, embora distinto em pessoa, é igualmente divino e consubstancial ao Pai.

2.1.1.1 A *kenosis* do Pai

A missão do Pai se revela de forma ainda mais profunda por meio de Seu abaixamento ou *kenosis*⁴⁷. Desde o AT, vemos a ação do Pai, que se abaixa e desce para estar próximo de Seu

⁴³ CNBB. **Programa Missionário Nacional 2019-2023**. Brasília, Edições CNBB, 2019, p. 29.

⁴⁴ cf. JOÃO PAULO II. **Audiência sobre a relação de Jesus com o Pai, revelação do mistério trinitário**. Quarta-feira, 10 de março de 1999. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1999/documents/hf_jp-ii_aud_10031999.html. Acesso em: 05 set. 2024.

⁴⁵ cf. DENZINGER, 490.

⁴⁶ cf. DENZINGER, 125.

⁴⁷ A *kenose* é um conceito teológico que se refere ao “esvaziamento” voluntário de Jesus Cristo, descrito em Fl 2,7, no qual “aquele que era de condição divina” escolheu esvaziar-se, assumindo a “condição de servo” e se humilhando até a morte na cruz (LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário crítico de teologia**. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas; Edições Loyola, 2004, p. 983). Essa descida é entendida como um movimento de obediência e sacrifício, no qual Jesus, que preexistia junto a Deus, despojou-se de Sua glória divina para encarnar-se como homem, viver e sofrer em nossa condição humana, retornando depois à glória celeste. O conceito também carrega

povo. No livro do Êxodo, Deus se revela a Moisés na sarça ardente (cf. Ex 3,1-6), manifestando Sua presença entre os israelitas oprimidos no Egito. À vista disso, “Deus ouviu os seus gemidos; Deus lembrou-se da sua Aliança com Abraão, Isaac e Jacó” (Ex 2,24). Esse ato de “lembrar-se” expressa a proximidade e o comprometimento do Pai com seu povo, revelando o movimento de descida que caracteriza a *kenosis* divina.

Deus, embora transcendente, inclina-se ao clamor de seu povo, manifestando Seu amor e cuidado em um esvaziamento que liberta e guia. Deus, assim, “assume de tal forma a história e os sofrimentos humanos que, para melhor conhecê-lo (...) se faz conhecer no humano e na sua história. O Deus distante e inacessível torna-se próximo, tocável, concreto, acessível ao e no humano”⁴⁸. A *kenosis* do Pai também se reflete na condução do povo de Israel durante a travessia do deserto, como é relatado em Êxodo 13. Deus escolhe um caminho mais longo, ciente das fragilidades do povo: “Deus não o fez ir pelo caminho do país dos filisteus, apesar de ser mais perto... Deus, então, fez o povo dar a volta pelo caminho do deserto” (Ex 13,17-18). Esse gesto revela o amor paciente de Deus, que desce para caminhar com a humanidade, respeitando seus tempos e limites.⁴⁹ O Senhor é o pastor que, mesmo sendo todo-poderoso, guia Seu rebanho com ternura e prudência.

2.1.2 A missão do Filho

Na plenitude dos tempos, há não só uma revelação, mas um acontecimento histórico no mundo, pois o Verbo se fez Carne (cf. Jo 1, 14): nasceu, em Belém, Jesus de Nazaré⁵⁰, primogênito de toda criatura. Às margens do rio Jordão, Jesus se fez conhecer, dando início à sua vida pública como Filho Amado. Lá, pela boca do evangelista São Marcos, o céu se abriu

uma dimensão relacional: para os Padres da Igreja Oriental, a *kenose* revela o “movimento da dinamicidade de Deus que vem ao encontro do humano”, um Deus que se esvazia “para ser conhecido e conhecer o humano” e, assim, relacionar-se com ele (cf. SANTOS, Eduardo dos. **A Descida do Deus Trindade – A Kénosis da Trindade**. Revista de Cultura Teológica, v. 16, n. 62, jan./mar. 2008, p. 111-123. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15629/11658>. Acesso em: 08 ago. 2024). “Além disso, a *kenose* não se limita à pessoa de Cristo, mas é trinitária, expressando a ‘realidade de Jesus Cristo, Filho/Verbo de Deus que, sendo Deus, [...] aniquilou-se, humilhou-se e assumiu a condição humana’” (SANTOS, 2008, p. 113, apud XAVIER, 2005).

⁴⁸ SANTOS, 2008, p. 118.

⁴⁹ Desse modo, percebemos que “reflete-se a kénosis do Deus Pai na criação, na história dos Patriarcas, no Êxodo dos hebreus do Egito e durante toda a sua passagem no deserto, na Aliança, no Sinai (...), nos profetas. Ou seja, em todo o Antigo Testamento o Pai se revela próximo e esvaziado para se encontrar com a humanidade” (SANTOS, 2008, p. 118).

⁵⁰ “Para estabelecer a paz ou a comunhão com ele e uma sociedade fraterna entre os homens, apesar de pecadores, Deus determinou entrar de modo novo e definitivo na história dos homens, enviando o seu Filho na nossa carne para arrancar, por meio dele, os homens ao poder das trevas e de satanás e nele reconciliar o mundo consigo” (AG 3).

e a voz do próprio Deus, Criador de todas as coisas, ‘proclamou’ algo que até então ninguém sabia: Deus é Pai (cf. Mc 1, 11).

Desse modo, o Filho é glorificado, revelando a relação eterna que sempre teve com o Pai. Ele é o enviado do Pai para salvar a humanidade, cumprindo a missão de trazer reconciliação e redenção ao mundo. É através de sua encarnação, vida, morte e ressurreição que a plenitude da missão do Filho se manifesta para a salvação de todos, a fim de ser mediador entre Deus e os homens. Como destaca o Concílio Vaticano II, a encarnação revela o novo e definitivo modo de Deus se envolver na história humana:

Para estabelecer a paz ou a comunhão com ele e uma sociedade fraterna entre os homens, apesar de pecadores, Deus determinou entrar de modo novo e definitivo na história dos homens, enviando o seu Filho na nossa carne para arrancar, por meio dele, os homens ao poder das trevas e de satanás e nele reconciliar o mundo consigo. Constituiu, portanto, herdeiro de todas as coisas aquele por quem fizera tudo, para nele tudo restaurar (AG 3).

Dessa forma, a missão de Cristo inaugura a reconciliação do mundo com Deus, preparando o caminho, para que, como único mediador, Ele revele o mistério divino no mundo. Assim sendo, “Jesus Cristo, único mediador, é o revelador do mistério divino no mundo. Esse mistério, o grande plano do amor divino, a missão de Deus (*missio Dei*), é a revelação pela criação de Deus, o Pai, pela Palavra, na força e envio do Espírito”⁵¹. A missão do Filho, como revelada na plenitude dos tempos, marca o cumprimento definitivo do plano divino de salvação (cf. Gl 4,4-5).

Nesse sentido, a encarnação de Jesus Cristo, o Verbo feito carne (cf. Jo 1,14), é o ponto culminante da revelação divina e da redenção prometida desde os primórdios da criação. Através de sua vida, morte e ressurreição, Ele não apenas manifesta a relação eterna com o Pai (cf. Jo 10,30), mas também estabelece uma nova era de reconciliação e paz para a humanidade (cf. Cl 1,19-20). Assim, o Filho não é apenas o mediador entre Deus e os homens (cf. 1 Tm 2,5-6), mas o agente primordial que traz à plenitude o mistério de Deus revelado ao longo da história (cf. Ef 1,7-10), o que culmina na restauração e reconciliação de toda a criação, fazendo nova todas as coisas (cf. Ap 21,5).

Como resultado dessa missão, a descida do Filho, seu esvaziamento, ou *kenosis*, é um elemento central que revela o supremo ato de amor e humildade divinos. Essa dimensão da missão do Filho nos convida a mergulhar mais profundamente no mistério de sua *kenosis*, o que nos leva a uma reflexão mais detalhada sobre o esvaziamento do Filho na encarnação e na cruz.

⁵¹ PANAZZOLO, 2019, p. 44.

2.1.2.1 A *kenosis* do Filho

A *kenosis* do Filho se revela de maneira mais clara no mistério da Encarnação. O apóstolo João afirma: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14), mostrando que o Filho de Deus, em sua imensidão, esvazia-se para tomar a condição humana. Esse movimento de descida é a expressão suprema do amor de Cristo, que se fez servo, assumindo nossa condição, a fim de salvar a humanidade. São Paulo também testemunha esse esvaziamento ao dizer que Cristo, “sendo de condição divina, não se apegou ao ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo” (Fl 2,6-7).

A *kenosis* de Cristo culmina no mistério pascal, no qual Ele entrega Sua vida na cruz para a redenção do mundo. Esse ato de doação total é a plena expressão do amor kenótico do Filho, que, ao se abaixar, eleva toda a humanidade ao Pai. Como nos ensina o Evangelho de João: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos amigos” (Jo 15,13). Cristo não só se esvazia ao se encarnar, mas também ao se oferecer na cruz, realizando, assim, a *missio Dei*, em que o abaixar-se torna-se o caminho da salvação.

2.1.3 A missão do Espírito Santo

A missão do Espírito Santo é essencial na obra de salvação e na expansão da vida missionária da Igreja. Enviado por Cristo desde o seio do Pai (cf. Jo 15,26), o Espírito Santo age no coração dos homens, transformando-os interiormente e impulsionando a Igreja a expandir-se no mundo (cf. At 1,8). Embora já estivesse presente antes da glorificação de Cristo, é no Pentecostes que sua ação se torna visível, manifestando publicamente a Igreja e dando início à difusão do Evangelho (cf. AG 4).

O Espírito Santo unifica e guia a Igreja ao longo dos tempos, enriquecendo-a com dons hierárquicos e carismáticos, tornando-se a “alma” das suas instituições, do mesmo modo como a Igreja e corpo de Cristo (cf. LG 7).⁵² Ele precede, acompanha e dirige a ação missionária da Igreja, inspirando, nos corações dos fiéis, o mesmo espírito de missão que animava Cristo. Assim, o Espírito Santo é o principal agente da missão⁵³, tanto no envio de Cristo para sua obra

⁵² CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium* - Constituição Dogmática sobre a Igreja. In. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997 – Coleção Documentos da Igreja.

⁵³ Ladaria, destaca que, apesar de o Espírito Santo não ser descrito com a mesma clareza pessoal que o Pai e o Filho, os textos do Novo Testamento atribuem a Ele ações que indicam sua atuação como sujeito pessoal. Segundo Ladaria, “no Novo Testamento, o Espírito Santo aparece, embora não na mesma medida que o Pai ou Jesus, como um ‘sujeito’ (usando com a devida cautela essas palavras) como ‘alguém’ mais do que como algo,

de redenção quanto na continuidade dessa missão através da Igreja, promovendo a união dos povos na fé e na caridade, superando as divisões humanas (cf. AG 4).

Segundo Ladaria, a missão do Espírito Santo está profundamente relacionada à missão de Jesus, que foi “ungido com o Espírito Santo” para o cumprimento de sua obra. Ladaria afirma que “Jesus é apresentado como enviado de Deus, seu Filho, a Israel, e vem dotado da força do Espírito necessária para o cumprimento de sua missão, uma força que corresponde à relação única que o une com Deus”⁵⁴. Dessa forma, a descida do Espírito Santo sobre Jesus, especialmente no momento de seu batismo (cf. Lc 3,19-22), é um marco central no início de sua missão pública, conforme retratado pelo Evangelho.

Todo esse mistério se faz conhecer porque Deus quis revelar. Um Deus invisível se faz Senhor, um único Senhor, revela o Filho no mistério da encarnação para a salvação da humanidade (cf. 1 Jo 4,9) e, através do Filho, envia-nos o Espírito Santo (cf. Jo 14, 26). Esse envio do Espírito Santo pelo Filho não apenas revela a unidade na ação divina, mas também manifesta a comunhão das três Pessoas da Santíssima Trindade. O Espírito, que procede do Pai e do Filho, é inseparável do mistério trinitário, sendo Ele mesmo aquele que nos introduz nessa comunhão divina, tornando possível nossa participação na vida de Deus⁵⁵.

Dessa maneira, a relação de comunhão da Santíssima Trindade é amor. O Senhor, em sua bondade, cria-nos e, para restaurar a aliança corrompida pelo homem, oferece-se em sacrifício, dá-se e se faz pequeno por nós, para a nossa salvação, enviando seu Espírito para conduzir-nos até a plenitude dos fins dos tempos. À vista disso, “o amor de Deus tem um desdobramento direcionado para reverter a desintegração da humanidade causada pelo pecado, e por conseguinte, para reintegrar a humanidade na vida plena que é o Reino, numa perspectiva histórica e escatológica”⁵⁶.

Contemplar a relação de amor da Santíssima Trindade, cuja comunhão conduz à participação no mistério salvífico, é uma tarefa universal para todos os fiéis. Os escritos dos Atos dos Apóstolos vêm dizer que Deus fez “tudo isto para que procurassem a divindade e, mesmo se às palpadelas, se esforçassem por encontrá-la, embora não esteja longe de cada um

como quem está dotado de liberdade e não como um mero instrumento sem iniciativa” (LADARIA, Luis F. **O Deus vivo e verdadeiro**: O mistério da Trindade – Coleção: *Theologica*. Trad. Paulo Gaspar de Meneses, SJ. São Paulo: Edições Loyola, 1998, p. 114-115). Ele é enviado, ensina, recorda, convence o mundo e dá testemunho (cf. Jo 14,16-17; 16,13-14), indicando uma liberdade e iniciativa que o tornam um agente ativo na missão da Igreja.

⁵⁴ LADARIA, 1998, p. 70-71.

⁵⁵ “Quando o Pai envia o seu Verbo, envia sempre seu Sopro: missão conjunta em que o Filho e o Espírito Santo são distintos, mas inseparáveis. Sem dúvida, é Cristo que aparece – a imagem visível do Deus invisível – mas é o Espírito Santo que o revela” (CEC, 689).

⁵⁶ SUESS, 2007, p.51.

de nós. Pois nele vivemos, nos movemos e existimos” (At 17, 27-28). Desse modo, tudo tende para o amor, move-se pelo amor e existe pelo amor.

Tudo isso transcreve o que a Teologia denomina de *missio Dei*, porque “falar de Deus significa, portanto, falar de amor e missão”⁵⁷. É a expressividade do “amor fontal”, apresentado pelo documento conciliar *Ad Gentes*, que se refere ao amor originário de Deus Pai como fonte de toda a criação e sinônimo de caridade. Esse amor é caracterizado como a força que impulsiona Deus a criar e a derramar continuamente Sua bondade sobre a criação. Além disso, é por meio dele que Deus deseja não apenas criar, como também unir toda a humanidade em um único povo, chamando a participar da Sua vida divina e alcançar a felicidade plena. Esse é o desígnio do Pai (cf. AG 2).

Podemos destacar, então, dois movimentos desse amor fontal: o *ad intra* e o *ad extra*. O movimento *ad intra* refere-se à relação interna – para si mesmo –, ou seja, é o modo como o Pai, o Filho e o Espírito Santo se relacionam. Trata-se de uma relação que diz respeito à forma como as três Pessoas existem e se relacionam eternamente dentro da própria divindade, sem considerar a criação ou a atuação externa de Deus no mundo.

Por outro lado, o movimento *ad extra* refere-se ao relacionamento de Deus com a humanidade e a plenitude dos tempos. Nesse movimento, o amor de Deus, que é pleno na comunhão interna entre as Pessoas da Santíssima Trindade, transborda em direção a toda a criação. Assim, o Pai, que gera o Filho, e o Filho, que é gerado pelo Pai, juntamente com o Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho (cf. CEC 246), manifestam esse amor trinitário em sua relação com o mundo. Esse transbordamento do amor divino revela o desejo de Deus de atrair a humanidade para a comunhão com Ele, expressando-se no tempo e na história por meio de sua obra criadora e redentora. Tal movimento *ad extra* é fruto da vida íntima da Santíssima Trindade, na qual cada Pessoa é plenamente Deus, unida na única essência divina, mas se distinguindo pelas relações que as constituem⁵⁸.

A missão da Igreja está intrinsecamente ligada à essência trinitária de Deus, revelando como sua ação e propósito são extensão do amor e da comunhão caracterizada pela Santíssima

⁵⁷ SUESS, 2007, p. 47.

⁵⁸ Essa distinção entre os movimentos *ad intra* e *ad extra* encontra eco na reflexão dos Padres da Igreja, como apresentado no Catecismo da Igreja Católica, que utiliza os conceitos de *Theologia* e *Oikonomia* para descrever essa dinâmica: “Os Padres da Igreja distinguem entre a *Theologia* e a *Oikonomia*, designando com o primeiro termo o mistério da vida íntima do Deus- Trindade e, com o segundo, todas as obras de Deus por meio das quais ele se revela e comunica sua vida. É mediante a *Oikonomia* que nos é revelada a *Theologia*; mas, inversamente, é a *Theologia* que ilumina toda a *Oikonomia*. As obras de Deus revelam quem Ele é em si mesmo e, inversamente, o mistério de seu Ser íntimo ilumina a compreensão de todas as suas obras. Acontece o mesmo, de modo similar, entre as pessoas humanas. A pessoa mostra-se em seu agir. Quanto melhor conhecermos uma pessoa, tanto melhor compreenderemos seu agir” (CEC 236).

Trindade.⁵⁹ A revelação de Deus como um só em três Pessoas – Pai, Filho e Espírito Santo – fundamenta a missão da Igreja, que deve refletir essa unidade e amor em sua prática. Assim como Deus enviou o Filho e o Espírito Santo para a salvação da humanidade, a Igreja participa dessa missão divina⁶⁰, sendo guiada pelo Espírito, testemunhando o amor trinitário.

A missão da Igreja, portanto, não só expressa a comunhão com Deus, mas também busca unir as pessoas em uma vivência de amor e justiça, ecoando o amor divino que define a própria natureza de Deus. Por isso, “a comunhão é a origem da missão, e a missão está a serviço da comunhão. A comunhão é, igualmente, o caminho e o termo final”⁶¹. Logo, a missão da Igreja é uma prática do amor trinitário, vivida em comunhão e destinada a transformar o mundo à luz da revelação divina. Com efeito, “a Igreja nasce do envio trinitário, na Festa de Pentecostes. Ela vive a essência missionária de sua origem no seguimento de Jesus, anunciando o Reino e convocando a humanidade para o encontro com Deus. A missão vem de Deus e volta para Deus”⁶². Assim, toda missão da Igreja é movida, regida e findada na Santíssima Trindade.

Nesse contexto, é importante destacar que a ação do Espírito Santo, como agente principal da missão, não se limita apenas à revelação, mas também à sua participação em um movimento de autodoação e redenção, abrindo o caminho para uma reflexão mais profunda sobre a *kenosis* do Espírito Santo. Essa *kenosis* é fundamental para a continuidade da missão da Igreja, que se expressa na essência do amor divino.

2.1.3.1 A *kenosis* do Espírito Santo

A continuidade da missão da igreja, fundamentada na ação do Espírito Santo, manifesta-se na *kenosis*, no ato de autodoação divina que marca a ação salvífica. O Espírito Santo, enviado pelo Pai e pelo Filho, também participa desse movimento kenótico. Ele é a presença divina que habita no coração humano, conduzindo a Igreja e o mundo na verdade. São Paulo nos revela que “porque sois filhos, enviou Deus aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: Abba, Pai!” (Gl 4,6). O Espírito Santo nos auxilia a viver como filhos de Deus, fazendo-nos partícipes da vida trinitária. Sua ação é um constante abaixar-se para elevar o ser humano à comunhão com Deus. Ele é o grande consolador que caminha ao lado da humanidade, guiando-a em sua jornada.

⁵⁹ cf. PANAZZOLO, 2019, p. 34.

⁶⁰ “A Missão da Igreja é a mesma missão de Jesus Cristo, que se origina da Trindade e do Plano de Salvação do Pai, e que se realiza sob ação do Espírito Santo” (PANAZZOLO, 2019, p.34)

⁶¹ PANAZZOLO, 2019, p.36.

⁶² SUESS, 2007, p. 54.

Assim como Deus Pai caminhou com o povo de Israel no deserto, o Espírito Santo nos conduz no caminho da santidade, iluminando nossa vida e fazendo-nos conscientes de nossa filiação divina. Ele desce e habita em nós, fortalece-nos e nos orienta em nosso caminho rumo ao Pai, cumprindo, assim, o desígnio divino. Santos afirma:

Vê-se a *kénosis* do Espírito no Ruah o sopro da vida e o alento vital do humano e animais, na *shekinah* a descida e inabitação de Deus no humano, num determinado lugar e em determinado tempo em sua história; nos evangelhos, desde a encarnação de Jesus, sua crucificação até a sua glorificação, como presença invisível, abscôndita, mas sempre como força e dinamicidade para sua missão; em Paulo, como Espírito que desce e incorpora o humano a Cristo, que edifica a Igreja e como uma ação de vida, libertadora, universal sem distinção; nos Atos dos Apóstolos, como protagonista: a descida do Espírito Santo em Pentecostes, em Jerusalém, prepara o nascimento da Igreja; em João como fonte de vida e de amor por excelência que dinamiza toda a comunidade; e nos dias atuais. Ele que estava na criação, na encarnação até a ascensão do Filho, sempre estará na obra de recriação e sustentação da criatura e do cosmo, agindo sempre misteriosamente oculto e humilde.⁶³

Assim, o Espírito Santo continua a agir na Igreja e no mundo, conduzindo a missão que tem suas raízes na Trindade. Essa essência missionária, fundada no amor e na comunhão, prepara-nos para entender a próxima etapa da reflexão: a essência missionária da Igreja, que vai além de sua ação visível, abarcando também sua identidade e propósito no plano salvífico de Deus.

2.2 A essência missionária da Igreja

Diante da clara missão universal conferida aos discípulos por Cristo, conforme evidenciado nos pontos anteriores, é fundamental explorar como ela molda o caráter da Igreja. A essência missionária não emerge apenas enquanto resposta ao “Mandato Missionário”, mas também define sua própria identidade (cf. AG 2; EN 14; RM 32). Ao compreendermos a missão como um imperativo divino e universal, nos preparamos para analisar como isso se reflete nas práticas e na estrutura da Igreja, moldando seu papel e sua presença no mundo em estado permanente de missão (cf. EG 25). Assim, passamos a refletir a respeito de como a Igreja, desde seus primeiros dias até os tempos atuais, manifesta e vive esse caráter missionário em sua essência e atividades.

⁶³ SANTOS, 2008, p.119.

2.2.1 A missão universal e identidade da Igreja

O Concílio Vaticano II preparou o terreno para uma compreensão mais profunda do caráter missionário da Igreja, ressaltando que “a Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na ‘missão’ do Filho e do Espírito Santo” (AG 2). Dessa forma, a missão da Igreja emerge diretamente da comunhão trinitária e se perpetua ao longo do tempo como extensão do amor e da obra salvífica de Deus. Cada ação missionária da Igreja reflete a missão trinitária, tornando-se um sacramento universal de salvação.

Posteriormente, essa identidade missionária se expressa no compromisso da Igreja de levar o Evangelho a todos os povos, sendo sinal visível da presença e do amor de Deus no mundo. Assim, a Igreja se manifesta não apenas como uma entidade enviada, mas como um testemunho vivo de sua própria essência missionária, colaborando com a *Missio Dei* e promovendo a comunhão entre Deus e a humanidade.

Sendo a missão da Igreja uma manifestação essencial de sua catolicidade, ela evidencia seu compromisso universal com a salvação de toda a humanidade. Acerca disso, o Catecismo esclarece que a Igreja, “enviada por Deus às nações para ser o ‘sacramento universal da salvação’ [...], esforça-se para anunciar o Evangelho a todos os homens” (CEC 849). Esse mandato missionário é uma resposta direta ao comando de Cristo: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos” (Mt 28,19), e revela a profunda vocação da Igreja para ser um instrumento de salvação para todos os povos (cf. LG 1).

Como visto, a missão da Igreja tem suas raízes no amor eterno da Santíssima Trindade (cf. AG 1). O Catecismo explica que “a Igreja peregrina é, por sua natureza missionária, pois ela se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai” (CEC 850). Isso reflete a natureza íntima da missão da Igreja como o reflexo do amor divino, que deseja reunir todos na comunhão com o Pai e o Filho, por meio do Espírito Santo.⁶⁴

Quanto à missão do Filho encarnado junto à sua Igreja, o Concílio Vaticano II postula:

Veio pois o Filho, enviado pelo Pai, que ainda antes da criação do mundo nos escolheu nele e nele nos predestinou à filiação adotiva, porque lhe aprouve encabeçar em Cristo

⁶⁴ “O Espírito Santo é a alma da Igreja, [...] presente em tudo o que ela é e faz. Ele atua nos três ofícios da Igreja: sacerdócio, profecia e realeza, tornando cada cristão um novo Cristo. No culto, ele garante a sinceridade e a verdade, permeando os sacramentos com amor e unidade. Inspira a missão da Igreja ao anunciar a palavra e denunciar injustiças, distribuindo carismas para que os fiéis se engajem em ministérios e serviços. Desde o batismo, todo cristão recebe do Espírito dons para servir à Igreja e ao Reino de Deus” (cf. BINGEMER, Maria Clara L.; FELLER, Vitor Galdino. **Deus Trindade: A Vida no Coração do Mundo**. Coleção livros básicos de teologia, vol. 6: Trindade e Graça I. São Paulo: Paulinas; Valencia, ESP: Siquem, 2003. p.112).

todas as coisas (cf. Ef 1,4-5 e 10). E Cristo, para cumprir a vontade do Pai, inaugurou na terra o reino dos céus, cujo mistério nos revelou; e pela sua obediência, operou a redenção. A Igreja, isto é, o reino de Cristo já presente em mistério, cresce visivelmente no mundo pelo poder de Deus. Princípio e incremento significados pelo sangue e pela água que manaram do lado aberto de Jesus crucificado (cf. Jo 19,34) e anunciados pelas palavras do Senhor ao falar da sua própria morte na cruz: “E eu quando for levantado da terra atrairei todos a mim” (Jo 12,32) (LG 3).

Diante do exposto, é evidente que a missão de Jesus Cristo foi crucial para a fundação e crescimento da Igreja – Cristo enviado pelo Pai foi predestinado para a filiação adotiva da humanidade e inaugurou o Reino dos Céus aqui na Terra. A Igreja, enquanto Reino de Cristo, é nutrida e sustentada pelo poder divino e pelo sacrifício de Jesus, que atrai todos a si e manifesta a salvação. A Igreja é, “no tempo entre a ascensão e a segunda vinda de Jesus, o Sacramento Primordial, o Corpo de Cristo. Ela é a permanente presença sensível do Senhor no mundo e no tempo (...). A Igreja é missionária por sua realidade de sacramento, isto é, sinal transparente e também instrumento de salvação”⁶⁵. Ela é convocada a participar com a sua colaboração da missão de Deus (cf. EG 112).

A motivação para essa missão vem do amor de Deus. Em toda a vida da Igreja, deve-se sempre manifestar que a iniciativa pertence a Deus, “porque Ele nos amou primeiro” (1 Jo 4, 19), além de que “só Deus que faz crescer” (1 Cor 3, 7)” (EG 12) e que deseja a salvação de todos. Como afirma São Paulo, “a caridade de Cristo nos compele” (2 Cor 5,14), Deus “quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1 Tm 2,4). A Igreja, portanto, é chamada a ser portadora da verdade e da salvação, levando aos homens o conhecimento da verdade de Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo.

No tocante à missão do Espírito Santo, o Papa João Paulo II nos ajuda a entender que a terceira Pessoa da Santíssima Trindade desempenha um papel crucial na missão da Igreja, ou seja, o Espírito Santo é “o protagonista de toda a missão eclesial” (RM 21)⁶⁶. Ele guia a Igreja em seu caminho missionário para seguir o exemplo de Cristo: um caminho de pobreza, obediência, serviço e sacrifício. Essa missão é marcada pela mesma jornada de Cristo, que fora enviado para evangelizar os pobres (cf. Lc 4,18). A Igreja é chamada a segui-lo por esses caminhos.

Suess destaca que o Espírito Santo, como força divina e protagonista da missão da Igreja, é presença ativa e essencial que a sustenta e guia desde a criação até Pentecostes. Ele inicia e acompanha a vinda de Jesus e, posteriormente, capacita a Igreja a falar em outras

⁶⁵ PANAZZOLO, 2019, p.34.

⁶⁶ PAULO II, Papa. *Redemptoris Missio* - Carta Encíclica sobre a Validade Permanente do Mandato Missionário. Site do Vaticano, 1990. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_rede_mptoris-missio.html. Acesso em 01 agosto 2024.

línguas, a realizar sua ação missionária com poder e autoridade.⁶⁷ Assim, a centralidade do Espírito Santo demonstra seu papel precípuo de guia e capacitador fundamental no cumprimento da missão divina.

Pensar na *missio Ecclesiae* é refletir sobre a missão primária da Igreja, que é o cerne de seu apostolado. Não há Igreja sem missão, pois a própria essência da Igreja está nela (cf. EN 14)⁶⁸. Ao exortar, Cristo nos envia e nos convida a continuar seu anúncio através dessa missão. Assim, a Igreja se torna a extensão visível do amor de Deus na atualidade, por meio da ação do Espírito Santo (cf. EN 75).

Deus que é amor, cuja imensa bondade criou todas as coisas e o homem à sua imagem e semelhança (cf. Gn 1, 1-31), viu a harmonia entre a criatura e o Criador rompida pelo pecado (cf. Gn 3, 1-13). Deus deseja restaurar essa harmonia. Ao longo da história da salvação — a economia da fé —, Deus fez uma aliança com o povo de Israel, oferecendo-lhes graças e libertação (cf. Ex 6,6-7; 19,5-6; Dt 7,7-9). Percebendo a insuficiência do homem em manter essa aliança, Ele enviou Seu Filho unigênito (cf. Jo 3,16), o Verbo, a Palavra eterna do Pai, para doar Sua vida pelos homens, cumprindo, assim, as profecias do AT (cf. Jr 31,31-33). Após a ressurreição de Cristo, o Espírito Santo “prolonga” essa missão, ajudando os povos a compreender os ensinamentos de Jesus, abrindo-lhes a mente e o coração para a missão salvífica do Pai.

A Igreja, esposa (cf. Ef 5,25-27) e peregrina (cf. LG 6), conduz-nos através dos sacramentos a uma adesão livre (cf. DH 2)⁶⁹ e gratuita (cf. DCe 17)⁷⁰ ao amor de Deus — Pai, Filho e Espírito Santo —, para que, redimidos, possamos alcançar a salvação e retornar à contemplação do sumo bem. Assim, vemos que a *Missio Dei* é a dinâmica através da qual Deus restaura a dignidade da humanidade, devolvendo-lhe a condição de filhos de Deus.

A essência missionária da Igreja é profundamente entrelaçada com a missão de Deus, uma vez que reflete o compromisso divino com a salvação universal. A missão da Igreja, inspirada pela Trindade e sustentada pelo Espírito Santo, é o reflexo do amor de Deus em ação, promove a restauração da harmonia entre o Criador e a criatura, enfatizando que na Trindade está o princípio e o fim de toda missionariedade. A Igreja, portanto, não existe apenas para a missão, mas encontra na missão a própria razão de ser: “Seu envio não é consequência, é

⁶⁷ SUESS, 2007, p. 55.

⁶⁸ PAULO VI, Papa. *Evangelii Nuntiandi* - Sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 2019.

⁶⁹ CONCÍLIO VATICANO II. *Dignitatis Humanae* - Declaração sobre a realidade religiosa. In. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997 – Coleção Documentos da Igreja.

⁷⁰ BENTO XVI. *Deus Caritas Est* - Encíclica Sobre o Amor Cristão. São Paulo: Paulinas, 2021.

essência, é identidade: a Igreja é ao ser enviada, e se edifica em ordem de missão e somente em ordem à missão. A atividade missionária não é tanto uma ação da Igreja, mas é simplesmente a Igreja em ação”⁷¹. Nesse sentido, a missão não é apenas uma tarefa da Igreja, mas uma expressão de sua própria identidade.

Ao vivenciar e expandir essa missionariedade, a Igreja não apenas cumpre seu indispensável papel como sacramento universal da salvação, mas também se manifesta como presença visível do amor redentor de Deus no mundo. Em outras palavras, a Igreja efetiva sua missão quando “proclama Cristo, fundamento da humanidade nova, do amor fraterno, do universalismo da salvação pela conversão, libertação para a celebração e o louvor”⁷², revelando-se como um meio através do qual a dignidade humana é restaurada e o propósito divino para a humanidade é concretizado.

Se o objetivo da missão tem por fim último o propósito de conduzir os homens a participar da comunhão entre o Pai e o Filho no Espírito de amor, que os une, a Igreja não se ensoberbece na sua atuação no mundo. Ela compreende ser colaboradora na obra divina de Deus, pois, como destaca a *Redemptoris Missio*, “todos os evangelistas sublinham que a missão dos discípulos é colaboração com a de Cristo [...]. Assim a missão não se baseia na capacidade humana, mas na força de Cristo ressuscitado” (RM 23). A missão, portanto, não é um empreendimento fundamentado na habilidade ou nos méritos humanos, mas uma participação na força de Cristo ressuscitado, que continua a operar no mundo por meio de sua Igreja.

2.3 A dimensão escatológica da missão

A dimensão escatológica da missão reflete a relação profunda entre o anúncio do Evangelho e a esperança cristã no cumprimento pleno do Reino de Deus no fim dos tempos. A missão da Igreja vai além de um simples compromisso com o presente, pois está voltada para o futuro, aguardando a segunda vinda de Cristo – *parusia*⁷³. Como afirma o Evangelho de Mateus: “E este Evangelho do Reino será proclamado no mundo inteiro, como testemunho para

⁷¹ RASCHIETTI, Estêvão. *A missão em questão*: A emergência de um paradigma missionário em perspectiva decolonial. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2022, p. 458-459.

⁷² PANAZZOLO, 2019, p. 36.

⁷³ O termo grego *parousia* significa simplesmente ‘presença’, mas, no contexto helenístico, adquiriu um sentido técnico relacionado à visita de um príncipe ou à manifestação de uma divindade. No NT, *parousia* designa especificamente a manifestação de Cristo em glória, especialmente em contextos apocalípticos, como se observa em Mateus e nas epístolas de Paulo, nos quais o termo é usado para expressar a expectativa da vinda do Filho do Homem no fim dos tempos (cf. LACOSTE, 2004, p. 1345).

todas as nações. E então virá o fim” (Mt 24,14). Assim, a missão da Igreja é uma preparação contínua para a consumação final⁷⁴ da história e a plena manifestação do Reino.

2.3.1 A missão como sinal do reino vindouro

A missão da Igreja é um prenúncio do Reino de Deus, que alcançará sua plenitude no fim dos tempos. A Igreja, desde já, é o germe e o princípio desse Reino, como afirma o documento conciliar:

A Igreja, enriquecida pelos dons do seu fundador e observando fielmente os seus preceitos de caridade, de humildade e de abnegação, recebe a missão de anunciar e instaurar em todas as gentes o Reino de Cristo e de Deus, e constitui ela própria na terra o germe e o início deste Reino. Entretanto, no seu lento crescer, aspira ao Reino perfeito e com todas as suas forças espera e deseja unir-se ao seu Rei na glória (LG 5).

Desse modo, a missão da Igreja, enquanto sinal do Reino vindouro, manifesta-se na antecipação do Reino de Deus, que se consumará no fim dos tempos. Através da evangelização, a Igreja torna o Reino visível no presente, proclamando a Boa Nova e, assim, prefigurando sua plena realização.

Jesus enfatizou essa presença já atuante do Reino de Deus ao afirmar: “Pois eis que o Reino de Deus está entre vós” (Lc 17,21), o que reflete o papel missionário da Igreja de tornar esse Reino visível no mundo. O Papa Paulo VI, em *Evangelii Nuntiandi*, reforça essa perspectiva ao dizer que “evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo, transformá-la a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade” (EN 18).

Sendo assim, a missão da Igreja não pode ser vista apenas como um esforço humano, mas como uma participação no desígnio escatológico de Deus. Cada ato missionário é uma antecipação da vinda de Cristo, que, no fim dos tempos, reunirá os seus eleitos e consumará o Reino de Deus. No Evangelho de Mateus, encontramos a narrativa da vinda gloriosa de Cristo:

Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem, e todas as tribos da terra baterão no peito e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória. Ele enviará os seus anjos que, ao som da grande trombeta, reunirão os seus eleitos dos quatro ventos, de uma extremidade até a outra extremidade do céu (Mt 24,30-31).

⁷⁴ “Isto é, o fim da era presente e a chegada do Reino de Deus em sua plenitude” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1747, nota “g” a Mt 24,14).

Essa missão escatológica da Igreja aponta também para o Juízo Final, quando Cristo, como Rei, julgará as nações e convidará os justos a herdarem o Reino preparado desde a fundação do mundo (cf. Mt 25,31-34). Tal perspectiva sublinha a missão cristã como sinal visível do Reino vindouro e da plena restauração de todas as coisas em Cristo, como ensina São Paulo em sua carta aos Coríntios: “Então virá o fim, quando ele entregar o Reino a Deus Pai, depois de ter destruído todo poder, autoridade e força. Pois é necessário que ele reine até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo dos seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte” (1Cor 15,24-26).

Assim, cada ato missionário aponta para o triunfo futuro de Cristo e a renovação completa da criação. A missão da Igreja antecipa a transformação da humanidade, que se concretizará na glorificação final prometida aos fiéis, como expressa São Paulo: “Ele transformará o nosso corpo humilhado, conformando-o ao seu corpo glorioso” (Fl 3,20-21).

A missão cristã também se orienta para a realização plena da promessa divina de novos céus e nova terra. Conforme ensina São Pedro, o Dia do Senhor trará a dissolução dos elementos deste mundo, preparando o caminho para uma nova criação, onde habitará a justiça (cf. 2Pd 3,10-13). Isaías também vislumbrou essa renovação, descrevendo um futuro de alegria e exultação, sem lembrança das dores passadas (cf. Is 65,17-19). No livro do Apocalipse, é apresentada uma visão clara da consumação final, na qual a nova Jerusalém descerá do céu, simbolizando a união definitiva de Deus com a humanidade: “Ele enxugará toda lágrima dos seus olhos, e a morte já não existirá” (Ap 21,1-4). Cada ato missionário é, portanto, um sinal dessa esperança, antecipando o momento em que Deus habitará com o seu povo e instaurará a plenitude do Reino.

A missão da Igreja, por conseguinte, está orientada para a submissão de todas as coisas a Cristo. São Paulo, em Filipenses, afirma que “todo joelho se dobrará ao nome de Jesus” (Fl 2,10-11), o que sublinha o papel da Igreja como cooperadora no plano salvífico de Deus. O Papa João Paulo II, em *Redemptoris Missio*, lembra que “Cristo vive e atua na Igreja, conduzindo-a para o cumprimento de sua missão de levar todos os homens à unidade católica do Povo de Deus” (RM 9).

Em resumo, a missão da Igreja é um testemunho visível e eficaz do Reino de Deus que já está presente, mas que será consumado apenas no fim dos tempos. Como afirmado no documento *Gaudium et Spes*:

A Igreja, que tem a sua origem no amor do eterno Pai, foi fundada, no tempo, por Cristo Redentor, e reúne-se no Espírito Santo, tem um fim salvador e escatológico, o qual só se poderá atingir plenamente no outro mundo. Mas ela existe já atualmente na terra, composta de homens que são membros da cidade terrena e chamados a formar já na história humana a família dos filhos de Deus, a qual deve crescer continuamente até a vinda do Senhor (GS 40)⁷⁵.

Esse testemunho é um caminho de preparação para a restauração final de todas as coisas em Cristo, quando a plenitude do Reino será estabelecida. A Igreja, como colaboradora no desígnio divino, atua concretamente ao serviço do Reino, como reafirma João Paulo II: “A Igreja está efetiva e concretamente ao serviço do Reino” (RM 20).

2.3.2 A missão e a esperança cristã

A missão está profundamente ligada à esperança cristã, pois a Igreja, ao evangelizar, não apenas transmite a mensagem de salvação, mas também prepara o coração dos fiéis para a segunda vinda de Cristo. Como mencionado, “a missão visa a povos adultos na fé e livres no Espírito”⁷⁶, o que vincula o aspecto missionário da Igreja ao desenvolvimento espiritual e à preparação para a plenitude dos tempos.

Essa missão é também uma fonte constante de esperança para o povo de Deus, especialmente em tempos de provações. Como destaca o documento de Aparecida (n. 30)⁷⁷: “Anunciamos a nossos povos que Deus nos ama, que sua existência não é ameaça para o homem, que Ele está perto com o poder salvador e libertador de seu Reino, que Ele nos acompanha na tribulação, que alenta incessantemente nossa esperança em meio a todas as provas”. A esperança cristã, então, não é passiva, mas move a missão da Igreja, que caminha com o povo de Deus na certeza de que o Reino se manifestará plenamente.

A escatologia cristã, que trata dos eventos finais e da consumação do Reino, inspira a missão da Igreja, lembrando-a de que seu trabalho é parte de um plano maior que será completado no fim dos tempos. Desse modo, podemos sublinhar que “o povo de Deus tem uma missão pública, histórica e profética a serviço dos pobres, que é, ao mesmo tempo, uma missão escatológica”⁷⁸, reforçando que a missão cristã está intrinsecamente conectada ao futuro prometido por Deus. A missão, portanto, alimenta a esperança, incentivando os cristãos a

⁷⁵ Concílio Vaticano II. *Gaudium Et Spes*: Constituição pastoral sobre a Igreja no Mundo de Hoje. São Paulo, Paulinas, 2011.

⁷⁶ SUESS, 2007, p. 134.

⁷⁷ DOCUMENTO DE APARECIDA: *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe*, 13-31 de maio de 2007. 2ª edição, CNBB, São Paulo: Paulinas, Paulus, 2007.

⁷⁸ SUESS, 2007, p. 134.

viverem com os olhos voltados para o futuro, na expectativa do retorno de Cristo e da restauração de todas as coisas.

2.3.3 Missão permanente: A Igreja em estado de missão até a plenitude dos tempos

A Igreja, desde seu nascimento no Pentecostes, é chamada a estar em permanente estado de missão, levando a mensagem do Evangelho até os confins da terra, até que Cristo venha em sua glória. Isso está em sintonia com o que é declarado: “O novo povo de Deus convoca toda a humanidade para o encontro definitivo com Deus”⁷⁹, apontando para a missão contínua da Igreja até a consumação da história.

Dessa maneira, a missão da Igreja não tem um ponto final, mas continua até a consumação da história. Enquanto aguarda a plenitude dos tempos, a Igreja não cessa sua atividade missionária, pois compreende que sua tarefa é preparar o mundo para o encontro definitivo com Deus. Assim, a missão é uma expressão contínua da vida da Igreja, que existe para anunciar, testemunhar e antecipar o Reino que está por vir.

Em conclusão, a teologia da missão revela que a atividade missionária da Igreja é inseparável de sua identidade trinitária e de uma perspectiva escatológica. Ela não apenas reflete o amor e a comunhão de Deus, mas também aponta para o futuro, aguardando o retorno glorioso de Cristo. Como bem destaca Suess, a missão é tanto um serviço presente quanto uma expectativa futura, ligando a ação missionária da Igreja ao destino final da humanidade⁸⁰. Impulsionada pelo Espírito Santo, a missão da Igreja é um reflexo do amor trinitário e uma antecipação do Reino vindouro, que será plenamente realizado na plenitude dos tempos.

⁷⁹ SUESS, 2007, p. 134.

⁸⁰ SUESS, 2007, p. 134.

3. MISSIOLOGIA E FORMAÇÃO

“A missão no coração do povo não é uma parte da minha vida, ou um ornamento que posso pôr de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros da minha vida. É algo que não posso arrancar do meu ser, se não me quero destruir. Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo”
(EG 278)

As diretrizes de formação dos presbíteros da Igreja no Brasil (DFPIB), em conformidade com a *Ratio Fundamentalis*, ressaltam que a missionariedade deve ser o fio condutor do processo formativo. No número 316, afirma-se: “A missionariedade revela-se como fio condutor de todo o processo formativo. Por isso, é salutar que se favoreçam aos seminaristas experiências missionárias, segundo objetivos, modos e tempos próprios” (DFPIB, 110). A ênfase na formação missionária visa garantir que o presbítero compreenda, desde sua preparação inicial, a importância de ser um enviado, um missionário.

Esse compromisso com a missionariedade foi reforçado ao final do 4º Congresso Missionário Nacional de Seminaristas, realizado na Paraíba em 2022, no qual foi assinado um compromisso que evidencia a relevância desse fundamento na formação sacerdotal. Na carta compromisso, é enfatizado que:

Todas essas realidades clamam por uma indispensável redescoberta da natureza missionária da Igreja (AG 2), de seu valor ontológico e da necessidade de assumir a missão, em particular o paradigma da *missio ad gentes* como eixo integrador do processo formativo (Doc. 110, 381). A missão precisa ser assumida, fortalecida e vivida desde as etapas iniciais até a formação permanente dos presbíteros, pois, enquanto cristãos, consagrados pelo batismo para a missão, somos discípulos missionários de Jesus Cristo, o enviado do Pai.⁸¹

Assim, a missão é entendida como um princípio vital que deve acompanhar o presbítero ao longo de sua vida.

A dimensão pastoral-missionária é reforçada nas DFPIB, que sublinha que a missão é parte da própria identidade da Igreja, sendo, portanto, o eixo integrador da vida do presbítero:

A missão faz parte da identidade da Igreja e, por isso, é o eixo integrador da vida do presbítero, levando-o à consciência de ser presbítero em uma Igreja em estado

⁸¹ COMISE. **Carta-compromisso dos missionários seminaristas aos irmãos de seminário, senhores bispos, formadores e a todos os fiéis leigos(as)**. João Pessoa, 17 jul. 2022. 4º Congresso Missionário Nacional de Seminaristas realizado em João Pessoa, Arquidiocese da Paraíba, com o tema: “Missão ad gentes na formação de seminaristas”. Disponível em: <https://uniaio.pom.org.br/congresso-missionario-nacional-de-seminaristas-apresenta-carta-compromisso/>. Acesso em: 05 maio 2024.

permanente de missão. A pastoral presbiteral ajude o presbítero, enquanto servidor do povo de Deus, a fortalecer-se em sua vida espiritual, crescendo no amor pelos pobres. Como pastor, o presbítero é enviado a evangelizar a sociedade e o faz sentindo-se responsável pela vida em plenitude de seu povo. Em seu magistério, o Papa Francisco tem desafiado a Igreja a tornar-se Igreja em saída missionária: "Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação". Para isso, há necessidade de presbíteros profetas, sensíveis aos problemas do povo, comprometidos com a justiça, que fazem da opção pelos pobres, elemento integrante da evangelização. Esta postura está em sintonia com o modo de viver das primeiras comunidades, com a recomendação dos apóstolos: lembrar-se sempre dos pobres (DFPIB, 110, n.381).⁸²

Esse chamado reforça a necessidade de uma formação que ajude o presbítero a responder aos desafios missionários contemporâneos. Os desafios missionários contemporâneos incluem a redescoberta da natureza missionária da Igreja (cf. EG 27), a adaptação ao mundo atual (cf. GS 4) com uma Igreja em saída (cf. EG 20), a sensibilidade aos pobres e o compromisso com a justiça social (cf. EG 198), o fortalecimento da vida espiritual orientada ao serviço pastoral (cf. PDV 45)⁸³, a resposta às exigências culturais (cf. EN 20) e sociais de uma sociedade pluralista e secularizada, exigindo diálogo e atualização constante.

Para que a missão se torne o fundamento do processo formativo, é essencial uma compreensão teológica profunda que nos leve ao centro da vida trinitária. A missão deve ser entendida a partir da perspectiva da Trindade, pois ela tem sua origem em Deus, pertence a Ele, e nós somos colaboradores na *Missio Dei*.⁸⁴ Essa abordagem teológica permite uma visão ampliada da missão, que ultrapassa a ideia de uma simples tarefa ou atividade e passa a ser entendida como uma manifestação da própria essência divina. A missão, portanto, não se reduz a uma ação da Igreja, mas é, antes de tudo, um predicado de Deus. A Igreja, assim, é missão, porque Deus é missionário. Nesse sentido, o Papa Francisco nos exorta: “Queridos irmãos e irmãs, não vos canseis de repetir a vós mesmos: *sou uma missão* e não simplesmente *tenho uma missão*”⁸⁵. Portanto, a ação missionária é resultado da essência missionária; não se trata apenas de realizar uma missão, mas de ser, em si mesmo, missão.

⁸² CNBB. **Diretrizes Gerais Para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil**. Documentos da CNBB 110. Brasília, Edições CNBB, 2019, n.381.

⁸³ JOÃO PAULO II, Papa. **Pastores Dabo Vobis** – Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Formação dos Sacerdotes. São Paulo, SP: Paulinas, 2009.

⁸⁴ Vale ressaltar aqui a importância de dedicar os dois primeiros capítulos à fundamentação bíblica e teológica dessa perspectiva da missão. Esse aprofundamento permite uma compreensão mais sólida dessa dimensão, preparando-nos para abordar o tema central deste terceiro capítulo.

⁸⁵ FRANCISCO. **Discurso do Papa Francisco aos participantes no Congresso Italiano da Pastoral das Vocações**. Site do Vaticano, 5 de janeiro de 2017. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francisco/pt/speeches/2017/january/documents/papa-francesco_20170105_convegno-pastorale-vocazionale.html. Acesso em: 15 out. 2024. (Grifo nosso).

Nesse sentido, as ações missionárias devem sempre apontar para Deus e para a missão que d'Ele provém. Cada ação missionária é um sinal da presença de Deus no mundo, um reflexo da participação na vida trinitária. Os fiéis são chamados a colaborar em uma missão que não lhes pertence, mas a Deus. Não são autores da missão, mas colaboradores em uma missão trinitária, participando do envio do Filho e do Espírito Santo. Dessa forma, a missão é uma expressão do amor de Deus pela humanidade, e cada membro da comunidade cristã, especialmente o presbítero, é chamado a ser um sinal vivo desse amor missionário.

O Decreto *Ad Gentes* do Concílio Vaticano II sobre a atividade missionária da Igreja afirma que a Igreja é enviada por Deus para continuar a missão de Cristo no mundo, indicando que a origem da missão é divina e foi confiada à Igreja para ser realizada em união com Deus (cf. AG 2). Esse envio, que provém da vontade divina, torna a missão parte essencial do ser da Igreja. Na encíclica *Redemptoris Missio*, São João Paulo II reforça que a missão é impulsionada pelo amor de Deus e que os cristãos são chamados a colaborar nela como servidores do plano divino, agindo sempre em sintonia com a vontade de Deus (cf. RM9).

No currículo dos estudos teológicos, a missão muitas vezes é associada à teologia pastoral e catequética, funcionando como uma extensão da teologia prática (cf. DGFPIB, 110, n.276). Essa compreensão, no entanto, deve ser ampliada para que a missão seja vista como uma característica essencial e intrínseca à própria Trindade, uma expressão da natureza divina. A missão surge da própria união trinitária, em que o amor de Deus, presente na Trindade, inspira e impulsiona o envio missionário. Assim, não é que a Igreja tenha uma missão, nem que a missão seja apenas uma função pastoral; em vez disso, é a missão divina que dá forma à Igreja. A Igreja reflete o amor de Deus — “Deus é amor” (1 Jo 4,8) — e esse amor se manifesta como missão.⁸⁶ Assim, a missão de Deus, fundamentada no amor, inclui tanto a Igreja quanto o mundo, estendendo-se a todos como expressão de Sua vontade salvadora.

Essa compreensão, a partir da perspectiva trinitária, sublinha a profunda importância da missionariedade na formação dos sacerdotes – pois, além de integrar o espírito de serviço e doação, reflete um conceito de grande relevância para a Igreja hoje: a sinodalidade⁸⁷. A missiologia, enquanto campo teológico, visa formar presbíteros capazes de responder aos

⁸⁶ Segundo a nota de rodapé “b” referente a 1 Jo 4,8, o amor de Deus por Israel é a base para a missão de Cristo como Salvador do mundo. Esse amor, que “vem de Deus” e revela que “Deus é Amor”, envolve e transforma aqueles que creem, tornando-os participantes do amor divino (cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2131, nota “b” a 1 Jo 4,8).

⁸⁷ A relação entre a missiologia na formação sacerdotal e a sinodalidade destaca a importância de uma Igreja que caminha em comunhão e colaboração. A missão, entendida como serviço e doação, prepara os sacerdotes não apenas para a missão externa, mas também para viver em unidade e diálogo com todos os membros da Igreja. A sinodalidade reflete esse modelo de Igreja, no qual todos, sacerdotes e leigos, participam ativamente na missão e na vida eclesial.

desafios de uma realidade diversa e plural. Para isso, é fundamental que a missionariedade vá além de eventos pontuais e seja incorporada de forma profunda e contínua na formação sacerdotal, influenciando a identidade dos seminaristas. Somente assim, com uma autêntica conversão missionária, o futuro presbítero poderá viver a missão como um elemento essencial e permanente de sua essência.⁸⁸

Diante disso, no presente capítulo, objetivamos analisar a formação sacerdotal à luz da missionariedade, abordando como a Igreja, por meio de seus documentos, reflete sobre esse tema. A missão, entendida como princípio fundamental da Igreja, não se limita a um aspecto da vida sacerdotal, mas deve ser integrada de maneira profunda à identidade do presbítero. Documentos como *Ratio Fundamentalis* e Diretrizes para a Formação de Presbíteros no Brasil enfatizam a necessidade de uma formação que prepare o sacerdote para ser, antes de tudo, um missionário, capaz de levar o Evangelho a todos os cantos do mundo.

3.1 Uma perspectiva da formação missionária na *Ratio Fundamentalis*

A *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* traz uma visão abrangente sobre a formação presbiteral, incluindo a dimensão missionária como parte essencial e central desse processo. Ela orienta os países a elaborarem uma *Ratio Nationalis*, que adapte as diretrizes formativas às realidades locais, sem perder de vista os princípios universais da Igreja. Assim, a missão é compreendida como um eixo integrador na formação dos futuros sacerdotes, refletindo a necessidade de formar presbíteros que atendam às exigências da evangelização contemporânea.

3.1.1 A identidade missionária na formação presbiteral

A *Ratio Fundamentalis*, especialmente nos números 3 e 38, destaca a formação integral dos presbíteros, apontando a dimensão missionária como central, sempre a partir da própria realidade. O documento orienta a elaboração de uma *Ratio Nationalis*, uma adaptação das diretrizes de formação para cada país, que considere as necessidades específicas de cada

⁸⁸ O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium* (EG 33 e EG 273), ressalta que a missão é uma parte inseparável da identidade cristã e sacerdotal, exigindo uma conversão missionária pastoral que leve os presbíteros a alcançar as periferias, especialmente as mais necessitadas. Para que a missiologia seja um verdadeiro paradigma formativo, é fundamental que a missão seja vivida como essência do ser do presbítero, e não como um momento isolado de sua vida. A missão, portanto, deve ser integralmente incorporada ao seu ser, como parte fundamental de sua vocação.

contexto local (cf. RFIS 3)⁸⁹. Esse processo visa à formação de presbíteros preparados para atuar conforme a realidade de cada lugar, sem perder de vista os princípios universais da Igreja. O número 38 da *Ratio Fundamentalis* associa o ministério presbiteral à missão de Cristo, referindo-se a Jesus como o “servo sofredor”, que lavou os pés dos discípulos e doou-se pela humanidade. Esse número é particularmente relevante para a formação missionária, pois inspira o presbítero a acolher o espírito de serviço e doação total, vinculando sua identidade à missão compassiva de Cristo.

Esses princípios destacam que a identidade sacerdotal deve estar profundamente enraizada em uma disposição missionária e de serviço, alinhada com a missão *ad gentes* e a evangelização nas periferias. Essa configuração missionária do presbítero, pautada pela entrega e pelo compromisso, é essencial para que ele possa responder ao chamado da Igreja e servir ao povo de Deus em todas as suas necessidades.

3.1.2 A espiritualidade missionária e o caráter universal da missão

A *Ratio Fundamentalis* propõe uma formação integral para o presbítero, fundamentada na missão, que o capacita a atender às demandas da Igreja e do povo de Deus em um mundo cada vez mais interconectado, a chamada “aldeia global” (cf. RFIS 171). Esse enfoque inclui a missiologia como uma formação essencial para desenvolver a universalidade da Igreja e fortalecer o impulso evangelizador.

A formação para a missionariedade torna-se, assim, o fio condutor do processo formativo, unindo a identidade sacerdotal à missão de Cristo. Como sublinha o número 38 do documento, essa identidade está ancorada na disposição de serviço, inspirada no “servo sofredor”, que doou-se totalmente. Dessa forma, a formação do presbítero deve incentivar a mesma entrega e compromisso para com a missão, essencial para que ele se configure a Cristo e assuma o chamado para servir a humanidade.

Para alcançar tal configuração missionária, é imprescindível que os seminaristas sejam acompanhados, em sua caminhada de discernimento e crescimento vocacional, de modo personalizado (cf. RFIS 44). Esse acompanhamento orientado, como indica o texto, visa formar discípulos que sejam missionários, nutridos por uma vivência profunda com Cristo e preparados para testemunhar seu amor. Assim, o processo de discipulado missionário se desdobra num constante aprendizado e transformação, no qual o estar com Cristo torna-se um caminho

⁸⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* – O Dom da Vocação Presbiteral. Brasília: Edições CNBB, 2017.

pedagógico espiritual (cf. RFIS 62), capaz de transfigurar o seminarista em um autêntico testemunho de fé e caridade.

Essa espiritualidade missionária, além de essencial, deve integrar-se aos aspectos intelectuais, pastorais e humanos do presbítero em formação. O presbítero, então, não é apenas um servidor local, mas um guia de fé universal, chamado a exercer uma “paternidade espiritual fecunda” (RFIS 33), que se espalha para além das fronteiras geográficas e culturais.

Portanto, a formação missiológica, como propõe a *Ratio Fundamentalis*, deve garantir que o presbítero cultive um espírito verdadeiramente católico e universal, que o capacite a atuar não só em sua comunidade local, mas como um enviado que parte de Cristo e se dirige a todos (cf. RFIS 91). Essa visão exige que a formação sacerdotal não negligencie o estudo da missiologia, promovendo uma compreensão genuína da universalidade da Igreja (cf. RFIS 171), essencial para um ministério que responda aos desafios contemporâneos. Para tanto, a formação precisa incluir também o contato com a tradição viva dos Padres da Igreja, que transmitiram o “fervor missionário” e inspiraram um “clima de amor” (RFIS 113) em suas comunidades, testemunhando a vitalidade da missão, que o presbítero deve abraçar em sua vida ministerial.

Assim, essa configuração formativa busca formar presbíteros aptos a responder às demandas do ministério com espírito de serviço, com impulso missionário, movidos pelo desejo de “que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade” (1 Tm 2, 4).

3.2 Uma perspectiva da formação missionária nas Diretrizes de Formação dos Presbíteros no Brasil

As Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil visam estabelecer normas e orientações para a formação inicial e contínua dos futuros sacerdotes, considerando as necessidades pastorais, culturais e sociais do Brasil. Esse documento busca adaptar as instruções universais da Igreja, presentes na *Ratio Fundamentalis*, às especificidades brasileiras, proporcionando uma formação humana, espiritual, intelectual e pastoral que responda aos desafios atuais da sociedade e da evangelização. Os textos foram elaborados com a colaboração de diversas comissões e organizações, como a Comissão Episcopal Pastoral para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada e a Organização dos Seminários e Institutos do Brasil.

O documento inicial foi aprovado na 48ª Assembleia Geral da CNBB, em 2010, sendo posteriormente atualizado em 2018, durante a 56ª Assembleia Geral em Aparecida-SP, e ratificado pela Congregação para o Clero em 2019. O novo documento reflete o desejo da Igreja

de responder às mudanças da sociedade moderna, enfatizando a necessidade de formar presbíteros preparados para atuar em um contexto de diversidade cultural e de compromisso missionário.

A missão da Igreja, conforme delineada nos Documentos 93 e 110 da CNBB, é compreendida como fundamento da formação presbiteral, que visa preparar sacerdotes para serem verdadeiros discípulos missionários. O Documento 93 coloca a missão como um princípio formativo unificador, articulando cada dimensão da preparação sacerdotal com a vocação missionária de Cristo e dos apóstolos. Já o Documento 110 reforça a importância de uma “Igreja em saída”, conforme o apelo do Papa Francisco, incentivando os presbíteros a vivenciarem a missão de proximidade e compaixão com o povo. A formação presbiteral integra teorias pastorais e práticas missionárias, promovendo um itinerário de compromisso e serviço ao próximo, conduzido pela caridade pastoral e pelo zelo evangelizador, essenciais para responder aos desafios contemporâneos da evangelização.

3.2.1 Documento 93 da CNBB – Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil

A formação dos presbíteros, segundo o Documento 93 da CNBB, está intimamente relacionada à missão da Igreja. Compreender a missiologia como o fundamento desse processo formativo permite que cada etapa da preparação sacerdotal seja imbuída da essência missi onária da Igreja, que é enviada a todos os povos para anunciar o Evangelho. Conforme as diretrizes, “Jesus Cristo, missionário do Pai, veio anunciar o Evangelho da paz e inaugurar o Reino de Deus. Atribuiu a mesma missão aos apóstolos que escolheu para estarem com ele” (DFPIB, 93, n.1)⁹⁰. Dessa forma, o presbítero, em virtude de seu chamado, é destinado a colaborar com a Igreja no anúncio do Reino, assumindo o compromisso missionário de evangelizar.

O processo de formação sacerdotal, assim, deve estruturar-se em torno de um discipulado missionário. Esse direcionamento é ressaltado nas diretrizes: “A vida e a missão do presbítero são marcadas por uma intencionalidade pastoral missionária, que deve configurar todo o processo formativo” (DFPIB, 93, n.44). A formação dos futuros sacerdotes é orientada não apenas para o serviço ministerial, mas para a vivência de uma pastoral que encontra sua unidade na caridade de Cristo. A missão, portanto, torna-se o princípio norteador de todas as dimensões formativas, desde a humana até a pastoral-missionária.

⁹⁰ CNBB. **Diretrizes Gerais Para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil**. Documentos da CNBB 93. Brasília: Edições CNBB, 2010.

Um dos principais objetivos da formação é capacitar o presbítero a viver sua vocação como servo e missionário. Inspirando-se no exemplo de Cristo, o presbítero é chamado a ser um servidor de todos. O Documento 93 menciona que “o presbítero é servo, pois participa da missão do Filho do Homem ‘que não veio para ser servido, mas para servir e dar a própria vida em resgate por muitos’ (Mc 10,45)” (DFPIB, 93, n.65). Tal perspectiva evidencia que o exercício do ministério presbiteral deve ser profundamente marcado pelo espírito de serviço e entrega.

No contexto formativo, o discipulado missionário é inseparável da missão. As DFPIB, retomando o Documento de Aparecida, destacam que, “no processo formativo, a missão é inseparável do discipulado; por isso, não deve ser entendida como uma etapa posterior à formação” (DFPIB, 93, n.97; cf. DAp, n.278). Dessa forma, a missão não é algo que o presbítero realiza apenas após sua ordenação, mas uma prática que permeia toda sua formação, capacitando-o a responder prontamente ao chamado de Cristo e a engajar-se na evangelização desde o início de seu processo formativo.

A experiência missionária prática durante a formação se mostra fundamental, especialmente nos estágios pastorais em regiões missionárias. Como destaca as diretrizes, “para a formação de presbíteros que sejam discípulos e missionários de Jesus Cristo, tem-se revelado muito rica e fecunda a experiência de estágios pastorais em regiões missionárias” (DFPIB, 93, n.183). Esse contato com realidades distintas possibilita que o futuro presbítero desenvolva um profundo compromisso com a evangelização, solidificando sua motivação ao serviço pastoral e missionário.

Os seminários e casas de formação são também definidos como “espaço privilegiado – escola e casa – para a formação de discípulos e missionários” (DFPIB, 93, n.213). Tais ambientes proporcionam um espaço de convivência fraterna, onde o formando é capacitado a viver em comunhão, promovendo um estilo de vida evangélico, como um lar que prepara para a missão. Tal formação comunitária auxilia o futuro presbítero a desenvolver a sensibilidade para com as necessidades do povo e a aprender a ser, ele mesmo, uma expressão da Igreja missionária.

A espiritualidade do presbítero é outro aspecto essencial nessa formação, uma vez que, para anunciar o Evangelho, ele deve estar profundamente enraizado na comunhão com Deus. O Documento 93 assinala que “a formação espiritual consiste na comunhão íntima e profunda com o Pai, pelo Filho, no Espírito Santo, atingindo a perfeição na caridade (Jo 20,22), visa a santidade de vida (Mt 5,1-12.48) e prepara o formando a desempenhar o seu serviço ao Povo de Deus” (DFPIB, 93, n.277). A vida espiritual não apenas fortalece o presbítero para a missão,

mas também o transforma em um verdadeiro discípulo, que vive seu ministério como um testemunho de amor e serviço ao povo de Deus.

Além disso, o seminário é descrito como “sinal do Reino”, um espaço onde se modela o “discípulo-missionário chamado ao sacerdócio” (DFPIB, 93, n.226). Esse ambiente permite que o formando desenvolva um estilo de vida evangélico, adaptando-se aos desafios pastorais e sociais que encontrará em seu ministério, sempre com o espírito missionário em mente. A formação busca preparar o seminarista para evangelizar com “novo ardor, novos métodos e novas expressões”, a fim de que ele seja “não apenas um pastor do rebanho que lhe foi confiado, mas também um evangelizador, um missionário” (DFPIB, 93, n.182).

Os estudos filosóficos e teológicos dos seminaristas são orientados por um viés missionário, pois “tenham um claro direcionamento pastoral e missionário por se destinarem à formação dos pastores do Povo de Deus” (DFPIB, 93, n.301,1). Essa perspectiva confere aos estudos um sentido prático e direcionado para a missão, capacitando o presbítero a interpretar a realidade com uma visão evangelizadora e comprometida com a construção do Reino.

A formação pastoral-missionária torna-se, à vista disso, o princípio unificador de todo o processo formativo, conforme o documento destaca: “A formação pastoral-missionária, princípio unificador de todo o processo formativo, consiste na necessária qualificação específica para o ministério pastoral, sempre impregnado pela ação e condução do Espírito de Deus” (DFPIB, 93, n.300). Dessa forma, o presbítero é preparado para o exercício de um ministério enraizado na missão, que integra teoria e prática, e responde aos desafios contemporâneos da evangelização.

Com essa formação, o presbítero se torna capaz de responder ao apelo de Jesus para ir ao mundo para anunciá-lo (cf. DFPIB, 93, n.97), comprometendo-se com a missão da Igreja. Essa preparação teórica e prática permite-lhe discernir a necessidade de renovação missionária, abandonando estruturas que não favoreçam a transmissão da fé, em sintonia com a conversão pastoral proposta pelo Documento de Aparecida.

Por fim, a perspectiva missiológica do Documento 93 da CNBB mostra-se indispensável para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil, que são chamados a ser pastores e missionários, vivendo o discipulado de Cristo e sendo “evangelizadores”, atuando na construção do Reino com a “alegria de ser enviado” (DFPIB, 93, n.97). Esse itinerário formativo proporciona uma formação sólida e completa, que visa capacitar o presbítero a assumir, com zelo missionário, o chamado de Deus para o anúncio do Evangelho.

3.2.2 Documento 110 da CNBB - Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil

O Documento 110, elaborado pela CNBB, é uma atualização do Documento 93 e orienta a formação presbiteral a partir de uma perspectiva missionária. A missão é tratada como elemento central em todas as etapas do processo formativo, integrando as dimensões humana, espiritual, intelectual e pastoral. A formação visa cultivar, no presbítero, um compromisso com a evangelização, a caridade pastoral e a compaixão, conforme o chamado do Papa Francisco a uma “Igreja em saída”. Dessa forma, o documento incentiva que o presbítero se torne um verdadeiro discípulo missionário, alinhado com a missão de Cristo e em comunhão com seu bispo e a comunidade eclesial.

3.2.2.1 A perspectiva missionária na formação presbiteral

No que tange à formação dos presbíteros no Brasil, o Documento 110 destaca a importância de uma perspectiva missionária, que permeia todas as etapas do processo formativo. A formação sacerdotal é compreendida como um processo contínuo, em que o candidato ao sacerdócio deve desenvolver uma “intencionalidade pastoral missionária” em todas as suas ações, buscando conformar-se a Cristo e atuar com um coração dedicado ao serviço da Igreja e à evangelização. Nesse sentido, o presbítero é chamado a cultivar uma “dedicação plena, contínua e fiel”, adotando uma postura de “discípulo, na firme convicção de que a formação é um processo jamais concluído” (DFPIB, 110, n.28).

O documento destaca que o presbítero, como “missionário” inspirado pelo exemplo de Cristo, deve assumir a missão como um aspecto central de sua identidade. Ele é chamado a ser homem de misericórdia e compaixão e a exercer uma missão de proximidade com o povo, ultrapassando estruturas que dificultam a transmissão da fé e alcançando as periferias existenciais (cf. DFPIB, 110, n.41e). A missão, assim, deve ser vista como um chamado constante, no qual o sacerdote não apenas “tem uma missão”, mas é ele próprio “uma missão” (DFPIB, 110, n.41e), orientando sua vida para o serviço generoso e abnegado aos fiéis.

Para que essa perspectiva missionária se concretize, o presbítero é chamado a ser “um sinal do amor de Deus por todo ser humano” e um canal da “misericórdia de Deus”, colocando-se a serviço da vida espiritual das pessoas sob sua responsabilidade (DFPIB, 110, n.42). Ele deve ser sensível às “exigências e questões profundas do tempo atual” e atuar em comunhão com o bispo e com os demais membros do presbitério (DFPIB, 110, n.42). A fraternidade

presbiteral é também um elemento crucial, pois ela fortalece a missão em um contexto de “comunhão dos presbíteros de uma Igreja particular com seu bispo” (DFPIB, 110, n.48), sendo essa unidade um sinal visível do Reino de Deus.

Outro aspecto importante para a formação missionária dos presbíteros é a inserção na realidade local. O presbítero diocesano é chamado a viver “no meio do mundo, como o pastor entre as ovelhas” (DFPIB, 110, n.45), conhecendo suas necessidades e dificuldades e integrando-se à vida da comunidade que serve. Sua missão vai além das fronteiras da paróquia, pois ele deve também olhar para as necessidades mais urgentes de outras dioceses, especialmente as mais pobres e distantes (cf. DFPIB, 110, n.50), refletindo uma abertura à missão universal da Igreja.

Por fim, a “caridade pastoral” aparece como um princípio central que motiva a missão do presbítero diocesano. Essa caridade representa sua participação na caridade pastoral de Cristo Jesus, sendo a base de todas as suas atividades e a fonte de sua espiritualidade (cf. DFPIB, 110, n.51). A caridade pastoral, portanto, é um vínculo essencial para a perfeição sacerdotal, que conduz à unidade de vida e ação, norteando a vida do presbítero em todos os seus aspectos, especialmente na vivência do celibato como expressão de dedicação à missão (cf. DFPIB, 110, n.51).

3.2.2.2 Dimensões integradas da formação presbiteral

O documento ressalta ainda que a formação dos presbíteros é estruturada de modo a integrar a perspectiva missionária em cada fase do processo formativo, moldando o presbítero como “discípulo-missionário” em todas as dimensões de sua vida e ministério. Essa missão não é vista como um aspecto acessório, mas como o eixo condutor da formação, articulando as dimensões humana, espiritual, intelectual e pastoral-missionária para capacitar o seminarista a vivenciar uma profunda comunhão com Cristo e com a comunidade eclesial.

O processo formativo do presbítero é descrito como único, integral, comunitário e missionário, guiado por uma relação sincera e transparente com os formadores, com o objetivo de gerar uma generosa dedicação aos outros (cf. DFPIB, 110, n.56). A missão, nesse contexto, configura-se como uma resposta pessoal à vocação recebida e amadurecida com o tempo, que culmina na ordenação ao presbiterato, inserindo o ordenado na missão específica do presbitério. Esse processo contínuo é um itinerário de aprendizado e de amadurecimento, marcado pelo crescimento na intimidade com Cristo e pelo desejo de levar essa experiência ao serviço do povo de Deus.

O Seminário Maior, descrito como uma “escola do Evangelho” e uma “experiência de vida comunitária” (DFPIB, 110, n.139), tem o modelo da convivência de Jesus com os apóstolos como referência ideal. Nesse ambiente, o vocacionado é inserido gradualmente na comunhão com o bispo e o presbitério, aprendendo a se relacionar com as comunidades eclesiais de modo fraterno e missionário. Para tanto, o seminário não é concebido como um “ambiente fechado sobre si mesmo, mas como a instituição que sustenta e orienta o processo pedagógico de discernimento e formação, enraizado na comunidade eclesial mais ampla”⁹¹.

A missão é um pilar formativo essencial e, ao conduzir o seminarista no seguimento de Jesus Cristo, “despertará a necessidade de compartilhar com outros a alegria de ser enviado” (DFPIB, 110, n.66e), realizando o amor e o serviço ao próximo e colaborando na construção do Reino de Deus. Esse chamado ao anúncio do Evangelho é inseparável da vida do discípulo missionário, que deve manifestar essa disponibilidade durante toda a sua vida, pois a evangelização “não deve ser entendida somente como uma etapa posterior à formação” (DFPIB, 110, n.66e).

A formação no seminário é também marcada por valores fundamentais⁹², como o “discipulado”, pelo qual o seminarista busca o crescimento constante no conhecimento e seguimento de Cristo, conformando-se à única personalidade mística (cf. DFPIB, 110, n.66c) de Cristo. A “comunhão”, por sua vez, reforça a dimensão comunitária da vida cristã e presbiteral, incentivando o seminarista a viver o amor fraterno e a manter viva a consciência de que é, antes de tudo, um discípulo em comunhão (cf. DFPIB, 110, n.66).

Esses elementos formativos respondem à necessidade da Igreja de ter presbíteros missionários e presbíteros servidores da vida, que procurem os mais distantes e se comprometam na defesa dos direitos dos mais fracos (cf. DFPIB, 110, n.74). A caridade pastoral, desse modo, é um componente essencial da missão, motivando o presbítero a se colocar a serviço do rebanho, em unidade com o bispo e a comunidade eclesial, cuidando especialmente dos mais necessitados e promovendo uma cultura de solidariedade.

Essas diretrizes revelam que o processo formativo do presbítero é, em sua essência, um itinerário missionário, no qual cada etapa visa capacitar o futuro sacerdote a nunca perder a

⁹¹ CNBB, Vida e Ministério do Presbítero/Pastoral Vocacional, 1981, p. 275. Apud DFPIB, 110, n.139.

⁹² Os valores fundamentais apresentados pelas Diretrizes para a formação dos presbíteros incluem o encontro com Jesus Cristo, que marca o início do processo formativo (cf. DFPIB, 110, n.66a); a conversão, que implica uma transformação pessoal e a aceitação da cruz de Cristo (cf. DFPIB, 110, n.66b); o discipulado, que é o aprofundamento constante na vivência de Cristo (cf. DFPIB, 110, n.66c); a comunhão, que se vive na comunidade cristã, refletindo a unidade da Igreja (cf. DFPIB, 110, n.66d); e a missão, que é o impulso de evangelizar e servir, integrando-se ao longo de toda a formação e vida sacerdotal (cf. DFPIB, 110, n.66e). Esses valores são interdependentes e se complementam em cada etapa formativa.

consciência de ser discípulo em comunhão, em profunda identificação com a missão de Cristo e em um compromisso constante de seguir o caminho e de ser colaborador de Deus na construção do Reino.

3.2.2.3 A formação presbiteral na perspectiva pastoral-missionária

As DFPIB enfatizam a missão como o fundamento que deve orientar todo o processo formativo dos futuros padres. A formação presbiteral não se limita ao estudo teológico e filosófico, mas se estende a todas as dimensões da vida do seminarista, visando configurá-lo à missão da Igreja. A seguir, apresentaremos as etapas e os aspectos essenciais que contribuem para o desenvolvimento de presbíteros comprometidos com a evangelização e preparados para enfrentar os desafios pastorais.

Na etapa configurativa ou teológica, é essencial que o seminarista desenvolva responsabilidade constante e zelo no viver as virtudes cardeais e teologais, além de demonstrar uma justa docilidade à ação de Deus mediante os dons do Espírito Santo (cf. DFPIB, 110, n.150). Esse período é marcado pelo aprofundamento nas virtudes, que configuram o futuro presbítero à missão e o ajudam a amadurecer no compromisso com a vida presbiteral e missionária. Nesse sentido, a formação comunitária e a orientação do Diretor Espiritual são indispensáveis para que o seminarista faça uma “gradual releitura da própria história de vida” e vivencie a “caridade pastoral” (DFPIB, 110, n.150).

Quanto ao Seminário Maior, as diretrizes enfatizam que as diversas dimensões formativas devem ser articuladas de modo que o seminarista experimente um desenvolvimento integrado, tanto na formação acadêmica como na prática pastoral. Cabe ao seminário proporcionar um equilíbrio entre a vida comunitária e a abertura ao mundo, favorecendo uma formação pastoral-missionária que inclua “os aspectos ecumênico, social e missionário da formação presbiteral” (DFPIB, 110, n.159b). Esse equilíbrio garante que a preparação do seminarista inclua uma ampla compreensão do papel missionário, integrando o discipulado e o serviço pastoral.

A formação espiritual também é essencial, pois orienta o formando na “santidade de vida” e no “encontro pessoal com Cristo”, marcando o seminarista com a força unificadora da “caridade pastoral” e promovendo a disposição para a “entrega de sua vida ao serviço do povo de Deus” (DFPIB, 110, n.203). Dessa forma, a formação espiritual prepara o seminarista a viver uma vida marcada pela comunhão trinitária, conforme o chamado do Pai, e configurada a Cristo

missionário, para “atuar e viver, na força do Espírito Santo” em benefício da Igreja e da humanidade (DFPIB, 110, n.204).

O documento também ressalta que a formação pastoral-missionária é o princípio unificador de todo o processo formativo e deve ser qualificada por práticas pastorais que respondam à conversão pastoral exigida pela Igreja, conforme a orientação de Aparecida, que visa uma Igreja em renovação missionária (cf. DFPIB, 110, n.228). Além disso, o seminário deve incluir “tempos e experiências de contato direto com o sofrimento de nosso povo”, para que o futuro presbítero desenvolva um “coração de pastor” e esteja preparado para evangelizar em diversos contextos, como saúde, justiça e educação, entre outros (DFPIB, 110, n.229). Isso implica uma formação que prepare o seminarista não só para liderar a comunidade paroquial, mas para ser um “missionário” que leva o Evangelho às periferias existenciais, respondendo, com novo ardor, aos desafios atuais (cf. DFPIB, 110, n.229-230).

A perspectiva pastoral-missionária também orienta o conteúdo acadêmico, pois os estudos filosóficos e teológicos devem “ter um claro direcionamento pastoral-missionário”, para capacitar o seminarista com os fundamentos teóricos e práticos que sustentem uma “ação evangelizadora” eficaz e bem-informada (DFPIB, 110, n.231a). Essa perspectiva possibilita que o seminarista interprete a realidade à luz da fé, dialogando com as “correntes de pensamento, filosofias e a cultura de hoje” (DFPIB, 110, n.231c) e promovendo a evangelização em consonância com as exigências contemporâneas.

Finalmente, a formação pastoral missionária inclui a opção evangélica pelos pobres e o fortalecimento da sensibilidade do seminarista diante do sofrimento do povo. Com isso, o seminarista é preparado para atuar de maneira consciente e comprometida com as causas sociais e para reconhecer, nos leigos, o chamado específico à transformação da sociedade (cf. DFPIB, 110, n.231f).

As diretrizes expressam de forma clara a missão como fundamento e orientação central do processo formativo, destacando que, para formar padres que vivam a essência missionária da Igreja e estejam preparados para enfrentar os desafios pastorais com um “coração de pastor”, é essencial que os formandos encontrem testemunhos sólidos que inspirem seu caminho formativo.

Desse modo, para alcançar a integração da missão no processo formativo, as diretrizes destacam que a equipe de formadores deve atuar como guia e exemplo vivo dos princípios missionários. Nesse sentido, cabe aos formadores “ser testemunha da alegria do Evangelho presente na vida do missionário” (DFPIB, 110, n.239a), proporcionando aos seminaristas a vivência concreta da missão em diversas experiências pastorais que contemplem “situações

pastorais em que os formandos tenham condições de uma reflexão a partir de sua prática e sejam desafiados pela realidade ao crescimento pastoral e espiritual” (DFPIB, 110, n.239b). Essa orientação visa evitar uma formação meramente teórica ou desvinculada das realidades comunitárias, buscando desenvolver a capacidade de resposta do futuro presbítero frente às necessidades pastorais.

Além disso, as diretrizes propõem a organização de experiências missionárias específicas e atividades pastorais durante os períodos de férias, destacando a importância do trabalho em grupo com outros seminaristas, o que favorece a integração entre teoria e prática e fortalece a dimensão comunitária da missão (cf. DFPIB, 110, n.239g). Essa proposta amplia a formação missionária para além dos muros do seminário, permitindo que o seminarista experimente a vivência missionária em diversos contextos, o que contribui para o amadurecimento pastoral e espiritual.

Outro aspecto essencial da formação é o desenvolvimento intelectual que, segundo o documento, deve sempre manter a missão como objetivo último. Conforme explicitado, “a finalidade pastoral missionária da formação intelectual dos futuros presbíteros exige que ela tenha por base o estudo da teologia, entendida pelo Concílio Vaticano II como o estudo da doutrina católica, à luz da fé e sob a direção do Magistério da Igreja” (DFPIB, 110, n.245). Esse enfoque pastoral da teologia visa não só à compreensão, mas à capacitação dos seminaristas para a evangelização eficaz, para que possam penetrar profundamente na doutrina, tornando-a alimento da própria vida espiritual, anunciá-la, expô-la e defendê-la no ministério⁹³.

O estudo da filosofia é também recomendado como base intelectual, pois ela permite uma “compreensão mais profunda da pessoa humana, da sua liberdade, das suas relações com o mundo e com Deus” (DFPIB, 110, n.245), e desperta uma busca rigorosa pela verdade, fundamental para o exercício pastoral consciente e responsável. A filosofia contribui para uma compreensão realista da sociedade e da condição humana e é complementada pelo estudo das ciências humanas e sociais, que auxiliam o futuro presbítero a desenvolver uma postura de evangelização “encarnada” e adaptada aos contextos e necessidades das comunidades (cf. PDV 52). Assim, a perspectiva da missiologia nas Diretrizes orienta todo o processo de formação, consolidando a missão como paradigma que ilumina e determina cada etapa do desenvolvimento presbiteral, desde as experiências práticas até a formação intelectual e espiritual.

⁹³ cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Optatam Totius* - Decreto sobre a formação sacerdotal, n.16. In. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997 – Coleção Documentos da Igreja.

A formação presbiteral, tal como delineada nas diretrizes de formação da Igreja, destaca a missão como o princípio unificador que guia toda a vida do futuro sacerdote. A ênfase na dimensão pastoral-missionária sublinha que o presbítero não é apenas um sacerdote local, mas um enviado universal, comprometido em anunciar o Evangelho em todos os contextos e culturas. A configuração do presbítero à missão de Cristo é um chamado a um serviço que ultrapassa barreiras e acolhe o desafio de ser um discípulo missionário que leva a Palavra de Deus a todas as periferias existenciais.

A integração da formação intelectual, espiritual e pastoral revela a preocupação da Igreja em moldar presbíteros que tenham um conhecimento profundo da doutrina e da tradição, sem perder a sensibilidade para com as necessidades do mundo contemporâneo. Essa abordagem visa formar sacerdotes que sejam capazes de dialogar com a sociedade atual, interpretando a realidade à luz da fé e respondendo aos desafios de maneira adequada e coerente. O equilíbrio entre teoria e prática permite que o presbítero viva sua vocação com autenticidade e eficácia missionária.

Por fim, a missão, enquanto fundamento da formação presbiteral, exige uma constante renovação no processo formativo, adaptando-se às necessidades emergentes da Igreja e da sociedade. A espiritualidade missionária e o comprometimento com as causas sociais devem estar no coração da vida do presbítero, conduzindo-o a um ministério que testemunhe a misericórdia e a caridade pastoral de Cristo. Dessa forma, o presbítero se torna, de fato, um sinal vivo da presença de Deus no mundo, capaz de contribuir para a transformação da sociedade e para a edificação do Reino de Deus.

CONCLUSÃO

Com esta pesquisa, buscamos aprofundar a compreensão da missiologia como um itinerário formativo sacerdotal, evidenciando que a missão não é apenas um aspecto adicional da formação do presbítero, mas um elemento central que molda a identidade e a espiritualidade do futuro sacerdote. A fundamentação bíblica, a teologia da missão e a formação específica delineada nos documentos da Igreja foram pilares para a construção de um caminho formativo que prepara presbíteros capazes de responder aos desafios missionários da Igreja contemporânea.

No primeiro capítulo, foi destacada a importância de uma fundamentação bíblica sólida para a missão, que, desde o Antigo Testamento, expressa e torna visível o envio divino, manifestando o movimento de Deus que se comunica e se dá ao mundo para a salvação da humanidade, além de evidenciar a eleição de Israel como luz para as nações. No Novo Testamento, esse chamado se universaliza em Jesus Cristo, o missionário por excelência, e se prolonga através do mandato missionário confiado aos discípulos. Este contexto bíblico forma a base sobre a qual se constrói a identidade missionária de todo presbítero, que é chamado a continuar essa missão na Igreja.

O segundo capítulo aprofundou a dimensão teológica da missão, situando-a no coração do mistério trinitário. A missão nasce no amor do Pai, manifesta-se plenamente no Filho e continua na ação do Espírito Santo. A Igreja, como sacramento universal de salvação, é chamada a refletir e viver essa missão trinitária. A *kenosis*, ou autodoação divina, é um aspecto que deve permear a formação dos futuros presbíteros, que são convidados a se esvaziar de si mesmos para se doarem ao serviço do Evangelho. Essa espiritualidade de serviço e doação é essencial para formar sacerdotes que não apenas compreendam, mas vivam o sentido profundo da missão cristã.

No terceiro capítulo, foi destacada a importância da formação missionária, conforme apresentada na *Ratio Fundamentalis* e nas Diretrizes da CNBB. A formação sacerdotal precisa integrar as dimensões humana, espiritual, intelectual, pastoral-missionária, promovendo uma verdadeira identidade missionária nos futuros presbíteros. Essa formação deve prepará-los para serem não apenas líderes comunitários, mas também missionários capazes de evangelizar em um mundo marcado por desafios culturais e sociais.

Além disso, a missão da Igreja de formar discípulos e estabelecer comunidades, transcende as fronteiras geográficas e culturais. Observamos que os presbíteros são chamados a ser agentes ativos nessa missão, comprometendo-se não apenas com a manutenção das

estruturas existentes, como também com a necessária conversão missionária de toda a comunidade eclesial. Isso requer uma formação abrangente que fortaleça os presbíteros em todos os aspectos de seu ministério, capacitando-os a conduzir a Igreja em sua missão de proclamar o Evangelho a todas as nações, sendo as testemunhas até os confins da terra. Essa perspectiva não apenas ressalta uma redescoberta do autêntico espírito missionário da Igreja, mas também evidencia a urgência de uma Igreja em constante saída, que se direciona às periferias existenciais para proclamar a Boa Nova de Jesus Cristo.

Nesse sentido, constatamos que a Missiologia, como eixo formativo, desempenha um papel vital na preparação dos futuros sacerdotes da Igreja, proporcionando-lhes uma compreensão aprofundada e prática da missão da Igreja. Ela integra elementos fundamentais com os estudos teológicos, experiências práticas e desenvolvimento espiritual, preparando os padres para o serviço missionário na Igreja e no mundo. Sendo assim, a missão, como fundamento no processo de formação dos sacerdotes, representa, portanto, não apenas uma disciplina teórica, mas também um método que pode compreender toda a sua “vocação”, capacitando-os a se tornarem verdadeiros agentes de missão, que, no sacerdócio, ser-lhes-á confiada de maneira ontológica.

Dessa forma, a formação do padre – seja diocesano, seja religioso – precisa ser profundamente enraizada em sua própria espiritualidade e na identidade missionária, seguindo o exemplo de Cristo, e fundamentada em uma sólida base bíblica. Desde o seminário, a conversão do coração do seminarista deve ser um objetivo central, cultivando nele a alegria e o compromisso de ser missionário. Essa formação, que une espiritualidade pessoal, fundamentos bíblicos e uma identidade missionária sólida, prepara o padre para engajar-se plenamente na renovação contínua da sua identidade, tornando-se um agente ativo na missão de proclamar o Evangelho e de testemunhar a graça divina em um mundo em constante transformação.

Em síntese, a Missiologia é um caminho formativo indispensável para a formação dos futuros presbíteros. Ela oferece uma visão integrada que une o conhecimento teológico, a vivência espiritual e a prática pastoral, formando presbíteros comprometidos com a missão universal da Igreja. O sacerdote, configurado a Cristo, é chamado a ser missionário em todos os contextos, levando o Evangelho a todas as periferias existenciais e sociais. Dessa forma, a missiologia, como itinerário formativo, prepara o presbítero para ser, em todas as circunstâncias, um verdadeiro pastor missionário, sempre pronto a servir ao Reino de Deus e a conduzir o povo à plenitude da vida cristã.

Podemos afirmar, então, que a missão é o centro da formação sacerdotal e a missiologia oferece as ferramentas para que esse caminho seja trilhado de forma eficaz e frutuosa. Formar

sacerdotes à luz da missão é preparar a Igreja para continuar a obra de Cristo no mundo, sendo sinal e instrumento de salvação até a consumação dos tempos.

REFERÊNCIAS

- BENTO XVI. *Deus Caritas Est*. Encíclica Sobre o Amor Cristão. São Paulo: Paulinas, 2021.
- BINGEMER, Maria Clara L.; FELLER, Vitor Galdino. **Deus Trindade: A Vida no Coração do Mundo**. Coleção livros básicos de teologia, vol. 6: Trindade e Graça I. São Paulo: Paulinas; Valencia, ESP: Siquem, 2003.
- BRADANINI, Sérgio. *Fundamentos Bíblicos da Missão*. Curso Básico de Missiologia. 2017. Disponível em: <http://www.missiologia.org.br/wp-content/uploads/2017/11/2nucleo.pdf>. Acessado em 08 de agosto de 2024.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA - Novíssima Edição de Acordo com o Texto Oficial em Latim. 19ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2017.
- CNBB. Diretrizes Gerais Para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil. Documentos da CNBB 110. Brasília: Edições CNBB, 2019.
- CNBB. Diretrizes Gerais Para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil. Documentos da CNBB 93. Brasília: Edições CNBB, 2010.
- CNBB. **Programa Missionário Nacional 2019-2023**. Brasília: Edições CNBB, 2019.
- COMISE. **Carta-compromisso dos missionários seminaristas aos irmãos de seminário, senhores bispos, formadores e a todos os fiéis leigos(as)**. João Pessoa, 17 jul. 2022. 4º Congresso Missionário Nacional de Seminaristas realizado em João Pessoa, Arquidiocese da Paraíba, com o tema: “Missão ad gentes na formação de seminaristas”. Disponível em: <https://uniao.pom.org.br/congresso-missionario-nacional-de-seminaristas-apresenta-carta-compromisso/>. Acesso em: 05 maio 2024.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Ad Gentes* - Decreto sobre a atividade missionaria da Igreja. In. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997 – Coleção Documentos da Igreja.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum* - Constituição Dogmática sobre a Divina Revelação. In. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Dignitatis Humanae* - Declaração sobre a realidade religiosa. In. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997 – Coleção Documentos da Igreja.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium Et Spes* - Constituição pastoral sobre a Igreja no Mundo de Hoje. São Paulo: Paulinas, 2011.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium* - Constituição Dogmática sobre a Igreja. In. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997 – Coleção Documentos da Igreja.

Concílio Vaticano II. ***Optatam Totius***: Decreto sobre a formação sacerdotal, n.16. In. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997 – Coleção Documentos da Igreja.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis* – O Dom da Vocação Presbiteral. Brasília: Edições CNBB, 2017.

DENZINGER, HEINRICH. **Compendio Dos Símbolos, Definições e Declarações de Fé e Moral**. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2015.

DOCUMENTO DE APARECIDA: **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe**, 13-31 de maio de 2007. 2ª edição, CNBB, São Paulo: Paulinas, Paulus, 2007.

FRANCISCO, Papa. ***Evangelii Gaudium*** – Exortação Apostólica sobre o Anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo, SP: Paulinas, 2019.

FRANCISCO. **Discurso do Papa Francisco aos participantes no Congresso Italiano da Pastoral das Vocações**. Site do Vaticano, 5 de janeiro de 2017. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francisco/pt/speeches/2017/january/documents/papa-francesco_20170105_convegno-pastorale-vocazionale.html. Acesso em: 15 out. 2024. (Grifo nosso).

HAHN, Scott; MITCH, Curtis. **O livro dos Atos dos Apóstolos** – Coleção: Cadernos de estudo bíblico. Trad. Giuliano Bonesso. Campinas, SP: Editora Ecclesiae, 2018.

HAHN, Scott; MITCH, Curtis. **O Evangelho de São Marcos** – Coleção: Cadernos de estudo bíblico. Trad. Thomaz Perroni. Campinas, SP: Editora Ecclesiae, 2014.

HAHN, Scott; MITCH, Curtis. **O Evangelho de São Mateus** – Coleção: Cadernos de estudo bíblico. Trad. Thomaz Perroni. Campinas, SP: Editora Ecclesiae, 2014.

HARRINGTON, Wilfrid John. **Chave Para a Bíblia**: a revelação, a promessa, a realização. Coleção Biblioteca de Estudo Bíblico. São Paulo: Paulus, 1985.

JARDIM, Maurício da Silva (Coord.). **A Missionariedade: alguns de seus fundamentos**. Coleção – Itinerário de formação missionaria. São Paulo: Loyola; Brasília, POM-Brasil, 2019, p. 15.

JOÃO PAULO II, Papa. ***Pastores Dabo Vobis*** – Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Formação dos Sacerdotes. São Paulo: SP: Paulinas, 2009.

JOÃO PAULO II. **Audiência sobre a relação de Jesus com o Pai, revelação do mistério trinitário**. Quarta-feira, 10 de março de 1999. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1999/documents/hf_jp-ii_aud_10031999.html. Acesso em: 05 set. 2024.

LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário crítico de teologia**. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas; Edições Loyola, 2004.

LADARIA, Luis F. **O Deus vivo e verdadeiro**: O mistério da Trindade – Coleção: *Theologica*. Trad. Paulo Gaspar de Meneses, SJ. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

LATOURELLE R. FISICHELLA, R. **Dicionário de Teologia Fundamental**. Petrópolis, RJ: Vozes; Aparecida, SP: Santuário, 2018.

MULLER, Karl. **Teologia da Missão**: Introdução. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

PANAZZOLO, João. **Missão Para Todos**: Introdução À Missiologia. São Paulo: Paulus, 2019.

PAULO II, Papa. **Redemptoris Missio**. Carta Encíclica sobre a Validade Permanente do Mandato Missionário. Site do Vaticano, 1990. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Acesso em 01 agosto 2024.

PAULO VI, Papa. **Evangelii Nuntiandi**. Sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 2019.

RASCHIETTI, Estêvão. **A missão em questão**: A emergência de um paradigma missionário em perspectiva decolonial. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2022.

SANTOS, Eduardo dos. **A Descida do Deus Trindade – A Kénosis da Trindade**. Revista de Cultura Teológica, v. 16, n. 62, jan./mar. 2008, p. 111-123. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15629/11658>. Acesso em: 08 ago. 2024.

SENIOR, D.; STUHLMULLER, C. **Os Fundamentos Bíblicos da Missão**. São Paulo: Paulinas, 1987.

SICRE DIAS, José Luiz. **Introdução ao Profetismo Bíblico**. Petrópolis-RJ, Vozes, 2016.

SUESS, Paulo. **Introdução à Teologia da Missão**: Convocar e enviar – servos e testemunhas do Reino. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.